

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

João Alberto Rodrigues

Problematizando as redes sociais digitais

nas aulas de artes junto a jovens

Porto Alegre,

Julho, 2019

João Alberto Rodrigues

Problematizando as redes sociais digitais

nas aulas de artes junto a jovens

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a Rosa Maria Bueno Fischer

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre,

Julho de 2019

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a minha mãe, Maria Beatriz Carpin, e a meu pai, João Angelino Rodrigues, pelo suporte de várias maneiras ao longo de minha vida escolar.

À Helena Campos Alíbio, por chamar minha atenção quanto ao cuidado com as imagens e pela ajuda sempre que possível.

À minha orientadora Rosa Maria Bueno Fischer, pela paciência, atenção e longas conversas, sobre a dissertação e para além da mesma.

Às/o colegas do grupo de pesquisa, Ananda Hilgert, Carola Saraiva, Fernando Favaretto, Raquel Luz e Simone Rasslan pelas conversas, indicações e ajudas.

Às bancas de qualificação e de defesa final, por todas as colaborações, que permitiram o bom desenvolvimento da dissertação: obrigado aos professores Celso Vitelli, Cleber Ratto, Luciana Loponte e Suzana Feldens Schwertner.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela bolsa de estudos.

E especialmente agradeço às/aos estudantes com quem trabalhei ao longo desses anos: sem eles/as, esta dissertação seria inviável; ou pelo menos não haveria nela a marca dos ricos fragmentos que permeiam e constituem a escola. Ou seja, haveria menos vida nas páginas que seguem.

Um breve manifesto sobre uma bolsa

A bolsa de estudos foi fundamental para mim como professor da rede estadual do Rio Grande do Sul. Devido ao baixo salário, não conseguiria dedicar-me com qualidade ao mestrado sem esse auxílio. A bolsa permitiu-me estudar com tranquilidade, preparar aulas e comprar materiais (já que escolas não possuem verba para tal), fazer saídas de campo com meus estudantes no horário inverso; não ter que deixar a escola para estudar, e sim aproveitar para pensá-la com mais tempo; bem como cursar seminários sobre temas para além de meu foco de pesquisa, em outras linhas e PPGs de outras áreas, algo também inviável caso não tivesse a bolsa. Enfim, a bolsa de estudos para um professor que dedica um turno, em média 20 horas, em redes estaduais e municipais, num país como o nosso, é o que permite que possamos dar aula com uma qualidade singular: temos mais tempo para pensar o processo de ensino-aprendizagem e interagir melhor com os/as estudantes com quem trabalhamos.

RESUMO

Como jovens percebem e pensam as redes sociais digitais? Neste estudo buscamos acompanhar maneiras com que um grupo de jovens de cerca de 15 anos (duas turmas de 9º ano de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS) se relacionam com as redes sociais digitais. Pesquisamos suas sensibilidades e percepções em relação às redes, mediante conversas, trabalhos poéticos e leituras, durante aulas de artes. Dialoguei a partir de noções como: performatividade, alteridade, consumo, real *versus* virtual. Apoiei-me na pesquisa participante, a partir das pesquisadoras Laura Barros e Virginia Kastrup, com inspiração na prática da cartografia. Igualmente, fiz uma aproximação com o método etnográfico, pelo qual vivemos a experiência de estar num certo lugar, sem naturalizá-lo. Foi utilizado o desenho como ferramenta de observação e reflexão, tendo como referência as antropólogas Karina Kuschnir e Aina Azevedo. Para ajudar-me a pensar esse contexto hiperconectado, mediado por telas, imagens e possíveis inseguranças que vivemos, dialoguei com teóricos como Byung-Chul Han, Paula Sibilia e Carlos Skliar, dentre outros. No decorrer do estudo e, ao final, continuo indagando: como ficam nossas relações com a alteridade? O trabalho realizado com os jovens permitiu levantar um conjunto de indícios – sobre nossas relações mediadas pelas tecnologias – os quais ficaram evidentes nos trabalhos, falas e escritos realizados nas aulas de artes.

Palavras-chave: Jovens; Redes sociais digitais; Ensino de Artes Visuais; Performatividade; Alteridade.

ABSTRACT

How do young people perceive and think digital social networks? In this study we seek to track ways in which a group of young people of about 15 years old (two 9th grade classes of a public school in Porto Alegre / RS) are related with digital social networks. We research your sensibilities and perceptions in relation to the networks, through conversations, poetic works and readings during art classes. I built the study from notions as: performativity, alterity, consumption, real versus virtual. I leaned on participant research, based on the researchers Laura Barros and Virginia Kastrup, inspired by the practice of cartography. I also approached the ethnographic method by which we live the experience of being in a certain place, without naturalizing it. Drawing was used as a tool for observation and reflection, having as reference the anthropologists Karina Kuschnir and Aina Azevedo. To help me think about this hyperconnected context, mediated by screens, images and possible insecurities we live, I based on theorists like Byung-Chul Han, Paula Sibilia and Carlos Skliar, among others. During the study and at the end of I keep asking: How are our relationships with otherness? The work done with young people allowed us to raise a set of clues - about our relations mediated by technologies - which were evident in the works, speeches and writings done in art classes.

Key words: Young people; Digital social networks; Visual Arts Education; Performativity; Otherness.

Uma lembrança

Era o ano de 2005. No recreio (ou antes de iniciarem as aulas), alguns colegas da 8ª série conversavam, numa agradável tarde de sol, próximo à área do jardim— como sempre fazíamos. Não lembro sobre o que falávamos naquele dia. Nem que tipo de roupa vestíamos.

Mas, com clareza e cores consideráveis, como se fosse há pouquíssimo tempo, lembro de uma menina de apenas cinco anos, com seu vestido, segurando firme um celular enquanto brincava. Aquele era um objeto consideravelmente caro. Poucos de nós podíamos ter um.

O fato me chamou a atenção de maneira singular. Alguém falou algo como “as coisas estão mudando...”. Comparamos aquela cena com o que tínhamos vivido na nossa infância. Não guardei precisamente quais as minhas impressões. Só sei que, naquele momento, não fiz grandes questionamentos. Hoje, treze anos depois, analiso o acontecido como a irrupção do novo, algo com o qual não havia ainda me deparado. Considerando o contexto do bairro



Imagem 1: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

onde cresci, a Restinga, ver uma criança pequena com um celular era realmente algo inusitado, mesmo se tratando já do início dos anos 2000.

Minha memória gravou aquela imagem; tive a nítida sensação de que algo diferente começava a aparecer na paisagem.

No ano seguinte, fui para o Ensino Médio, época em que lentamente (ou já rapidamente?) os celulares se popularizaram. Logo após, vieram os smartphones, navegávamos pelo Orkut. Mesmo assim, a abundância de aparelhos e registros aos quais nos acostumamos não me marcou tanto como aquela cena, da pequena menina com seu celular.

A sala de aula, apesar de tudo, é um espaço-tempo em que as diferenças se encontram, em meio a jogos de tensões, que pode nos fazer olhar para outras coisas que não nós mesmos, algo cada vez mais difícil na atualidade.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	7
Imagem 2: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.	17
Imagem 3: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.	21
Imagem 4: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.	24
Imagem 5: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.	29
Imagem 6: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 20 x 30 cm, 2018.	32
Imagem 7: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	33
Imagem 8: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	36
Imagem 9: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	39
Imagem 10: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	41
Imagem 11: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	45
Imagem 12: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	49
Imagem 13: Lápis colorido sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.	54
Imagem 14: Lápis colorido sobre papel, 29 x 40 cm, 2018.	55

Imagem 15: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	58
Imagem 16: Lápis colorido e grafite sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.	64
Imagem 17: Fotoperformance, 2017.	66
Imagem 18: Desenho digital, 2018.....	74
Imagem 19: Aquarela sobre papel, 30 x 42 cm, 2018.	76
Imagem 20: Maquiagem sobre imagem impressa, 21 x 29 cm (cada), 2018.	78
Imagem 21: Aquarela, tamanhos variados, 2018.	79
Imagem 22: Objeto de EVA, 12 cm de diâmetro, 2017.	82
Imagem 23: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	83
Imagem 24: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.	84
Imagem 25: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.....	85
Imagem 26: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.....	86
Imagem 27: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.....	87
Imagem 28: Isopor, caixa de papel e tigela, 40 x 30 x 20 cm aproximadamente, 2017.....	93
Imagem 29: Lápis colorido sobre papel, 29 x 40 cm, 2018.	95
Imagem 30: Pintura no chão, 1,5 x 1,1 m, 2017.....	96
Imagem 31: Seringas e corante, cerca de 3 x 16 x 3 cm, 2017.....	98
Imagem 32: Fotonovela, 2018.....	99
Imagem 33: Fotonovela, 2018.....	99
Imagem 34: Lápis grafite sobre papel, 30 x 21 cm, 2018.....	100
Imagem 35: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.	101

Imagem 36: Gesso, cerca de 20 x 25 x 25 cm, 2018.	102
Imagem 37: Montagem, 2018.....	106
Imagem 38:Lápis colorido e impressões sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.	108
Imagem 39: intervenção com lambe em porta, 2017.	112
Imagem 40: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.....	116
Imagem 41: Esboço de projeto, 2017.....	118
Imagem 42: Gesso e monitor, dimensões diversas, 2018.....	119
Imagem 43: Gesso, dimensões diversas, 2018.....	121
Imagem 44: Lápis grafite sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.....	123
Imagem 45: Imagens impressas, 59 x 42 cm, 2018.	124

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	10
SUMÁRIO.....	13
A GURIZADA NAS REDES	14
1. RASCUNHANDO APROXIMAÇÕES	18
2. UM PROJETO PARA PENSAR JUNTO.....	42
3. QUE “EU” SE MOSTRA? ENTRE APARÊNCIAS E VERDADES	51
4. PERCEPÇÕES SOBRE JOGOS DE “INFLUÊNCIA”	72
4.1 <i>Tangenciando a performance</i>	89
5. A CRÍTICA AOS EXCESSOS (OU A INTENÇÃO DE QUERER ESTAR DO LADO “CERTO”?).....	95
5.1. <i>A falta de diálogo e a solidão</i>	104
6. A AINDA DIFÍCIL RELAÇÃO COM O <i>OUTRO</i>	112
MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESCOLA, TEMPO E ALTERIDADE	129
REFERÊNCIAS.....	137

A GURIZADA NAS REDES

Desde que comecei a trabalhar como professor de artes na rede estadual¹ em uma escola em Porto Alegre acompanharam-me alguns incômodos no que diz respeito à relação dos estudantes com as redes sociais, especialmente considerando o constante intermédio do celular. Questionamentos sobre os modos como temos nos relacionado com os mais diferentes dispositivos tecnológicos e a *internet* certamente podem ser pensados não só no âmbito da educação; no caso deste estudo, pergunto sobre de que forma jovens estudantes de uma escola pública se ocupam dessa questão relevante, tematizada tão amplamente hoje.

Simultaneamente às observações que realizei, em meio a uma multiplicidade de gestos, falas e imagens que habitam o espaço escolar, passei a reparar em reportagens na TV, preocupadas com o uso de celulares por jovens, assim como com o tempo dedicado à vida na *internet*, com os modos de experimentar relações virtuais e os possíveis problemas daí decorrentes. O que me chamou a atenção nas matérias

¹ Iniciei esse percurso em março de 2015, com a etapa do Ensino Fundamental Final.

jornalísticas foi não só a repetição de afirmações do senso comum - mas especialmente a rara presença de jovens falando sobre o assunto.

Em 2017, elaborei um projeto pedagógico trimestral para as aulas de artes com as duas turmas de 9º ano, propondo uma reflexão acerca do tema. Levei para os encontros imagens diversas, charges, vídeos, propagandas e textos, na tentativa de provocar discussões e tensionamentos sobre como eles percebiam algumas práticas, comportamentos e discursos veiculados nas redes sociais digitais. Fazia parte do projeto, também, a elaboração de trabalhos poético-visuais, produção textual articulada aos materiais produzidos além das próprias falas das turmas, durante todo o processo criativo.

A fim de acompanhar as múltiplas maneiras de eles se construírem e se relacionarem nas redes, suas sensibilidades e percepções, busquei, no estudo agora apresentado, me aproximar um pouco mais, por meio de uma pesquisa participante. E ao colocar-me nessa posição de quem “estranha” os espaços e discursos que circulam, procurei construir junto deles outras

narrativas e imagens acerca de vidas jovens, nas suas relações com tecnologias e redes sociais.

Enfatizo aqui que não esqueço o contexto em que estou, assim não entro em questões dos chamados nativos digitais, porque já tive e tenho muitos estudantes que não sabiam/sabem como usar programas básicos de edição de texto e imagem, ou não sabem usar recursos simples de celulares sofisticados; sem falar dos vários que não possuíam/possuem um computador em casa. Mas nem por isso deixam de fotografar, criar narrativas pessoas no espaço virtual, consumir, enfim, fazer um uso constante do celular. Bem como, o fato de vivermos em um país que carece de sérios problemas sociais e conseqüentemente em desigualdades na distribuição e acesso à tecnologia digital.

Oito adolescentes juntos... 20/04
falando que a aula parecia
no animado o meio-dia / fevereiro 09h 10 min
& que eles ali desatados
era arte. e 09h 25 min

Feito no meu
período vago



Imagem 2: Registro pessoal,
lápiz grafite sobre papel, 21 x 30
cm, 2018.

1. RASCUNHANDO APROXIMAÇÕES

Neste capítulo, apresento e discuto os caminhos metodológicos desta pesquisa. As discussões feitas, especialmente as conversas em pequenos grupos e também no espaço mais amplo das turmas, mostraram-se bastante produtivas. O foco foram as criações poético-visuais dos jovens, bem como suas produções escritas.

Penso que uma maneira potente de estudar as construções subjetivas de jovens adolescentes seja a que se faz pela observação participante, no interior de propostas práticas, em diferentes situações pedagógicas. Assim, o estudo faz referência aos encontros vividos na escola em que trabalhei desde março de 2015, com cerca de 50 estudantes (duas turmas) do 9º ano – de mais ou menos 15 anos de idade. Acompanhei esse grupo desde o 6º ano (embora, com o passar dos anos, os grupos tenham de alguma forma se alterado, com a chegada de novos estudantes e a saída de outros). Essa proximidade que tive com eles é algo que considero singular, pois pude acompanhar um pouco de seu crescimento individual e coletivo; enfim, detalhes de suas escolhas e interesses.

Tratou-se de uma ambientação da qual fui bastante próximo; e, por isso, sinto que pude abrir novos espaços para o diálogo, seja durante as aulas, seja fora. Para mim, é um espaço em que me movimente com familiaridade. No entanto, tentei manter uma postura de quem estranhava as falas, os gestos e ações. Luciana Caldas (2016) aponta para a importância desse estranhamento, na construção do trabalho de pesquisa. Ela nos fala de experiência como abertura ao outro, ao desconhecido, para assim “apresentar o familiar em sua singularidade” (CALDAS, 2016, p. 30). Da mesma forma, ao escrever sobre a relevância da etnografia na pesquisa em educação, Maria de Nazareth Hassen pontua que a etnografia hoje “ambiciona fazer o leitor pensar: ‘eu já vi isso, eu conheço isso, mas eu nunca tinha pensado que significasse isso ou que desse margem a essa interpretação’ ” (HASSEN, 2018, p. 5).

Considerarei, portanto, uma aproximação com o método etnográfico um bom meio para conduzir o estudo que ora relato, já que não se tratava apenas de conversar sobre imagens, vídeos e textos, ou sobre produções poéticas referentes ao tema desenvolvido. Envolveu, antes, a experiência de estar no lugar, o

convívio quase diário, em que se podia olhar, ouvir e conversar com estudantes; buscar não naturalizar, tentar perceber o que não está nos livros, ou o que contrasta com estes; ou ainda, nos discursos veiculados pela mídia (como as reportagens anteriormente citadas), que acabam por se diluírem nas conversas cotidianas de professores, familiares e jovens.

O historiador da arte Georges Didi-Huberman (2012), apoiado em Walter Benjamin, traz a de “fundir-se nas coisas”. De “estar no lugar, indubitavelmente. Ver sabendo-se olhado, preocupado, *implicado*. E, contudo, mais: parar, manter-se, habitar durante um tempo nesse olhar, nessa implicação. Fazer durar esta experiência” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 215). Esse seria um necessário ponto de partida para, em meio a isso, produzir, criar, inventar formas visuais, decorrentes desta experiência. Acredito que a pesquisa implique isso: produzir outras narrativas imagéticas, seja pelas linguagens visuais ou pela escrita.

Em um breve texto sobre a diferença entre ver e olhar, a filósofa Márcia Tiburi (2004) escreveu que o ver estaria ligado ao sentido físico da visão, sendo algo reto, sintético e rápido; enquanto o olhar possuiria uma complexidade, ligada a uma

demora, uma atenção estética, e por isso caracterizando-se por ser analítico e mediado. E a arte teria um papel com a sensibilização de nosso olhar, bem como os demais sentidos. Relaciono tais aspectos à experiência da prática de desenhar, que parece atrelada ao exercício do olhar (e dos demais sentidos) e da atenção em relação ao espaço escolar. Como a filósofa coloca, as artes nos ensinam a olhar, a buscar em meio às camuflagens e ocultamentos das mais variadas narrativas visuais, já que muitas vezes, seja numa sala de aula, num desenho ou pelos corredores, é necessário prestar atenção ao que não aparece, ao que não está, aparentemente, na epiderme do lugar e dos estudantes.

Dessa forma, é necessário um pensar constante sobre as lacunas que o cenário escolar deixa aparecer, enquanto um conjunto fragmentado de imagens em tensão. “Pois o olhar exige que se passeie na imagem e esse passear na imagem traça a correspondência ao que não é visto” (TIBURI, 2004).

O antropólogo australiano David MacDougall (2005), ao diferenciar o olhar do ver, salienta que olhar envolve habitar o que se olha. Ou seja, trata-se de algo que requer cuidado, força, calma e afeição. Ele nos diz que muitas vezes não nos detemos nas imagens, por um certo medo de abandonar a “zona de conforto”

20/04 - Primeiro desenho, feito no
meu período vago,
crianças jogando no celular



Imagem 3: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.

dos significados seguros. Sugere também que forçar significados nas imagens e nas coisas pode nos deixar cegos, pois as imagens remetem a pensamentos, levam a pensamentos e são, assim, bem “mais” que pensamentos.

Considero que a elaboração desta dissertação se configurou, ela mesma, como uma experiência de “olhar”. Tratou-se de uma experiência de estudo, de ensino-aprendizagem, que fiz junto dos grupos com os quais trabalhei. Não se tratou de avaliar práticas juvenis e imagéticas nas redes, ou de solicitar que os estudantes as julgassem, mas de pensar e questionar(-se) junto com eles: uma tentativa de estar atento ao que percebiam e sentiam, indagando como isso era importante (ou não) em suas vidas. Assim, concebo a prática de pesquisa como algo anexado ao meu fazer político-pedagógico, com a intenção de expandi-lo. Se uma aula não é um evento solitário, uma pesquisa também não o é.

Foi nessa perspectiva que trabalhei de maneira dialógica, em sala, de modo a propiciar os tempos necessários para as conversas, de modo que eu pudesse acompanhar e anotar os contrastes e tensionamentos dos estudantes, com relação à temática abordada. Considero de importância singular neste

estudo os momentos de elaboração e desenvolvimento dos trabalhos poético-visuais, principalmente por seu aspecto processual. Foi no acompanhamento dessas criações que procurei aprofundar-me nos diálogos, pensando junto com eles os principais motivos que levaram à escolha de um determinado assunto (e um modo de tratá-lo poeticamente), em meio a uma multiplicidade de questões.

Além do registro fotográfico dos processos de construção e do ambiente escolar, fiz uso do desenho como método de aproximação, observação, descoberta e criação. Assim, fiz uso de um diário gráfico de momentos do dia a dia, seja sobre uma aula ou em uma caminhada pelos espaços da escola.

A possibilidade de usar o desenho como uma ferramenta a mais em uma pesquisa de caráter etnográfico, junto à fotografia e à escrita, é apoiada também no trabalho da antropóloga brasileira Karina Kuschnir, criadora de um *blog* sobre antropologia e desenho². Ao traçar aproximações entre o desenho e a pesquisa antropológica, pensando desenho como produção de conhecimento. O professor e ilustrador português Eduardo

² <https://karinakuschnir.wordpress.com/>

Salavisa (2008, p. 17), ao escrever sobre diários de viagem (ou gráficos), fala também da importância da deambulação pelo cotidiano, por lugares conhecidos. Nesse sentido, o olhar deve estar ainda mais atento, de modo a não naturalizar ou deixar de lado a atitude de procura, buscando sempre pontos de vista diferentes, atentos inclusive a histórias aparentemente banais.

Ao usar o desenho como ferramenta de pesquisa e produção de subjetividade (do observador e daqueles que observa), pesquisadores buscam opor-se a um determinado tipo de configuração moderna de saberes sociais (considerada fria, materialista, racional). Buscam-se valores como “sensibilidade, subjetividade, criatividade, espontaneidade, espírito, fluxo, experiência, pulsão, vida, totalidade, singularidade – com complexas articulações internas e ênfases conjunturais variadas” (DUARTE, 2012, p. 425 *apud* KUSCHNIR, 2016, p. 8).

Claro que tal escolha pode gerar atritos com o campo de pesquisa estabelecido. A pesquisadora Aina Azevedo (2016, p. 16) aponta que a presença do desenho muitas vezes causa algum incômodo, e isso aparece nos questionamentos feitos sobre o valor de tais registros gráficos, o que talvez não aconteceria caso se

Imagem 4: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.



tratasse de imagens fotográficas. A fotografia possui ainda um certo “valor de verdade”, como um meio de representação fortemente estabelecido, como se retratasse algo “real”, ou o mais próximo disso. Já o desenho possui uma carga de abstracionismo, uma multiplicidade interpretativa e escolhas que podem ser confundidas com mentira ou omissão (GOMES, 2016, p. 77).

Entendo que poderíamos quebrar essa dualidade entre fotografia e desenho, pensando que em toda pesquisa existem escolhas, abstrações, interpretações e até omissões. Tudo que constitui nossa realidade é passível de seleção, montagem e edição (principalmente hoje, com tantos recursos disponíveis). Como lembra o crítico de arte inglês John Berger (2007), o desenho questiona a aparência de um acontecimento, e essas aparências são sempre construções históricas.

O caderno, segundo essa concepção, deixa de existir apenas para anotações escritas: torna-se um diário de campo, que serve para os mais variados esboços visuais, enfatizando a experiência de um tipo de mergulho do pesquisador no meio em que está inserido.

Destaco aqui o quanto a antropologia visual acabou por aproximar-se mais do campo das artes, ao realizar tais movimentos. Outro ponto a ser salientado é a importância de não tornar o desenho um “método”, sujeito a convenções e maneirismos figurativos, algo que acarretaria um distanciamento em relação ao ato de desenhar, a toda a performance e atenção, optando-se pelo gesto puramente técnico.

Ainda segundo Kuschner (2016), John Berger tornou-se uma das referências para esse ramo da antropologia, que busca usar também o desenho, além da fotografia e da escrita, em suas pesquisas. Um dos aspectos importantes no pensamento de Berger diz respeito à centralidade da pessoa que desenha, à singularidade de sua criação, ao elaborar um desenho de observação; nessa perspectiva, há uma valorização do artista, sua biografia, bem como seu olhar, imaginação e o contexto em que foi produzida a imagem gráfica. E, para esse autor, o resultado final, acabado, não seria o fator principal, e sim o ato de desenhar, toda a experiência – enfim, todo o processo. Outro traço importante seria o “alongamento do tempo” durante a imersão do olhar, na relação entre o que desenha e quem/o que é desenhado.

Nessa forma de registro, diferenciada do “dado” fotográfico, o principal aspecto a considerar é o diálogo que ocorre, em meio a uma situação específica de tempo e espaço. Se a câmera registra um instante extremamente realista, como que “congelado”, o desenho de observação (de pessoa) apresenta-se com múltiplas camadas de momentos e olhares. Gestos vão modificando-se na medida em que se vai desenhando. Outros espaços são ocupados: a mão, por exemplo, que estava de um determinado jeito, pode acabar em outro lugar, ou posicionada de outra forma.

O diálogo enquanto se desenha é também algo muito rico: olha-se a pessoa nos olhos, caracterizando-se como talvez uma prática mais intimista, como um indutor a mais para a conversa, de modo a torná-la mais fluida. O antropólogo australiano Michael Taussig, segundo Aina Azevedo, aponta que o desenho é entendido “como um processo, uma maneira de pensar, observar, conhecer, descrever e revelar menos comprometido com o resultado final.” (AZEVEDO, 2016, p. 24). Pensado e trabalhado neste sentido, o desenho foi/é um exercício de atenção constante e dinâmico:

Desenhar é olhar, examinando a estrutura das aparências. Um desenho de uma árvore não mostra uma árvore, mas uma árvore-sendo-olhada. (...) o exame desse olhar sobre uma árvore (uma árvore-sendo-olhada) (...) deriva e se refere a muitas experiências prévias do olhar (BERGER, 2007, 71).

Quando estava desenhando, nos espaços da escola, tinha uma experiência semelhante a essa, descrita por Berger: observava e, ao mesmo tempo, pensava e conversava, imerso no presente, no instante, no momento. Às vezes estudantes aproximavam-se enquanto eu desenhava, e me questionavam sobre os motivos de estar desenhando. “Os textos e as imagens artesanais evocariam fragmentos das múltiplas dimensões do processo vivido, dando a ver as possibilidades e impossibilidades da produção (e divulgação) do conhecimento.” (KUSCHNIR, 2016, p. 11).

Talvez o desenho também ajude-nos a lembrar o quão frágil são os múltiplos registros que fazemos da “realidade”. Numa época em que se tenta mostrar ao máximo as coisas, na busca por uma transparência – além de as possibilidades de editar algo serem tão rápidas quanto as de registrar – a arte do desenho

nos ensina que as imagens são fragmentos, são efêmeras,
distintos pontos de vista.

24/04 09:15

João...



Imagem 5: Registro pessoal, lápis grafite
sobre papel, 21 x 30 cm, 2018.

Pensando o desenho e a fotografia, parto do princípio que uma linguagem não se sobrepõe a outra, elas se complementam, se potencializam mutuamente, dão conta de aspectos distintos, nos provocam de outras maneiras, abrem portas diferentes e, conseqüentemente, levam a lugares imagéticos, que não são jamais os mesmos. Estou falando aqui das múltiplas formas de tentar dar conta daquilo que o jogo imagem-palavra talvez não consiga fazer. Vale lembrar: na própria escrita aparecem os múltiplos sentidos daquilo sobre o que se conta, gerando uma impossibilidade de afirmação de certezas.

A forma de desenhar que escolhi aqui pode ser considerada de certa maneira algo contraditório. Faço uso de um desenho lento, como exercício de observação que contrasta com o próprio campo de pesquisa escolhido – campo que envolve juventude e redes sociais, temática facilmente associada à rapidez, dinamicidade e mutabilidade. Claro que o desenho e o ato de desenhar podem ser feitos de múltiplas maneiras e em diferentes dimensões, com rapidez, dinamicidade, e materiais diversos (lápiz, terras, fios, tintas, etc), em uma folha, no chão ou utilizando outros

suportes. O importante é que a forma escolhida permitiu-me um modo de pensamento sobre o que eu pesquisava.

E por ser talvez o gesto do desenhar (esse tipo de desenho), e o olhar atrelado a ele, seja justamente uma outra forma que encontrei para pensar sobre isso, para abrir um outro espaço e tempo que muitas vezes não parece possível, devido à correria cotidiana. Penso que essa situação quase paradoxal mostrou-se potente no sentido de motivar um pensamento mais elaborado sobre um tema tão complexo e já tão estudado no campo da educação.

Outro meio de aproximação, de inspiração possível, foi com o método cartográfico de investigação. Pode-se dizer que haveria algumas semelhanças da cartografia com a etnografia (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 56), devido à valorização do contexto, das pessoas envolvidas, às conexões com o mundo e à ênfase no acompanhamento de processos e na produção de subjetividades – e não à representação de objetos. As pesquisadoras Laura Barros e Virgínia Kastrup (2015, p. 58) chamam a atenção para dois sentidos atribuídos à palavra *processo*: processamento e processualidade. No primeiro caso, o sentido está ligado à teoria da informação, que concebe a pesquisa como coleta e análise de

informações, seguindo as regras lógicas do método escolhido, na qual muitas vezes o objeto de pesquisa está separado das relações do meio sócio-histórico. Quanto à noção de processualidade, as autoras dizem que o pesquisador entra em um processo em curso, com características específicas, histórias, tensionamentos, múltiplas relações. Há uma ênfase no conceito de *território* – entendido como um meio que possui uma espessura processual, a qual dificulta a coleta de informações descontextualizadas. “O território espesso contrasta com o meio informacional raso” (BARROS & KASTRUP, 2015, p. 59).

Outra traço neste estudo foi a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção – que alguns autores envolvidos com a cartografia defendem, e com os quais busquei dialogar. Os pesquisadores Passos e Barros (2015, p. 17) defendem que toda pesquisa é intervenção, pois, ao fazer um mergulho na experiência, no campo, produzem-se efeitos sobre aqueles com quem se atua, sobre a pessoa que pesquisa e inclusive sobre os resultados encontrados. O trabalho da pesquisa, em suma, sempre afeta, de alguma maneira, todos os envolvidos.

Em meu estudo, mostro como isso ocorre de uma forma

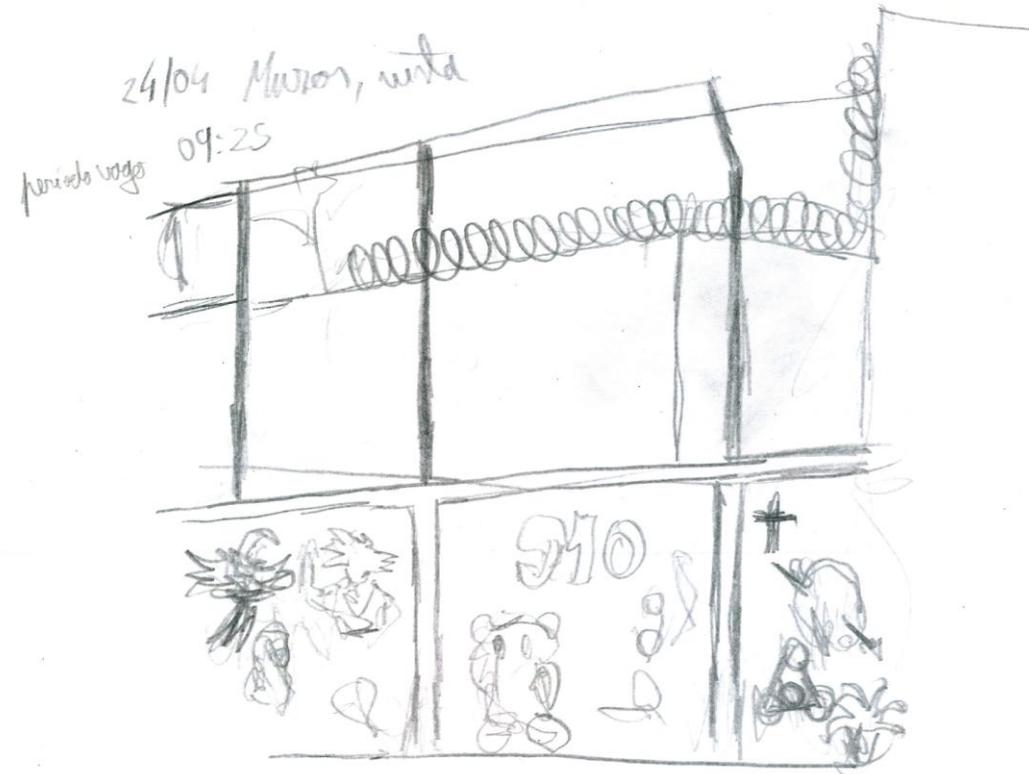


Imagem 6: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 20 x 30 cm, 2018.

Imagem 7: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

muito simples: tudo o que fiz (e faço) reverberou em estudantes; toda a turma, de algum modo, é afetada pelo que acontece na sala de aula. As falas, gestos e imagens, a todo instante, na orientação de uma aula, no que era mostrado, na forma como apareceu nas produções escritas, referentes ao que aconteceu, nas conversas, são simultaneamente marcados pelo que fomos realizando.

Há, assim, um aspecto marcadamente político em tal perspectiva – na medida em que, ao nos inteirmos de algum tópico de estudo, ao escrevermos sobre ele, conhecemos um pouco mais de nós mesmos e assim “produzimos realidade” (PASSOS e BARROS, 2015, p. 30). Isso ocorre, segundo os autores, quando já não mais nos contentamos com a representação de um objeto e que assumimos que o conhecimento é, sempre, em algum nível, transformação da realidade. Lembro aqui a cena de uma aula em que havia poucos estudantes (era um dia chuvoso), cerca de seis ou sete; discutimos uma parte do texto *Aprender a pensar é descobrir o olhar* de Márcia Tiburi. Enquanto conversávamos, um estudante em particular mexia constantemente no celular, mesmo com o

Julio Aula 920
Enquanto liamos um fragmento de texto, peguei o celular de um estudante que não parava de mexer nele, para provocar uma conversa sobre aquilo. Enquanto segurava o celular, o estudante não parava de mexer as mãos, as apertando.



pedido para que o guardasse e participasse da aula. Ele não conseguia, virava o celular para baixo e, depois de alguns segundos, pegava novamente.

Depois dessa cena repetir-se algumas vezes, retirei o celular dele (talvez mais para ver o que aconteceria). Passamos a conversar sobre uma possível supervalorização dada ao aparelho, em detrimento de um olhar (tendo como referência o texto) e uma escuta às imagens, aos textos ou palavras circulando num determinado grupo. Alguns dos estudantes comentaram que não é possível prestar muita atenção; que a pessoa ficava “rolando” de um para outro lado, sem se deter muito em algo específico. Em meio à conversa, o mais curioso, foi o fato desse estudante em particular, sem o celular, ficar inquieto, mexendo as mãos juntas sem parar; num dado momento, pegou o cabo do guarda-chuva, e uma colega chegou a chamar a atenção dele, que aquilo era exagerado; mesmo soltando o guarda-chuva, as mãos do menino não sossegaram. Era perceptível a dificuldade de ficar sem o contato com o celular – e, acredito que isso ultrapassa a simples explicação quanto ao possível tédio que uma aula ou conversa podem gerar.

São esses detalhes cotidianos os que afetam muitas vezes os rumos de uma aula, e que exigem um exercício constante de atenção; e algumas vezes voltam à tona em outro momento. O que me interessou foi pensar as possíveis relações a estabelecer entre esses microcenários fragmentados e dispersos.

Coincidências interessantes por vezes ocorrem, como foi esta: semanas depois do fato narrado anteriormente, na mesma turma, numa aula em que conversávamos sobre o que pensavam a respeito das diferentes maneiras como as pessoas se relacionam nas redes sociais digitais ou no modo como utilizam o celular, o mesmo estudante, citado acima, falou que o incomodava o hábito de muitas pessoas gravarem, durante muito tempo, um *show* ou um evento qualquer. Na opinião dele, aquelas pessoas deixavam de aproveitar o que estava acontecendo, deixavam de “viver aquele momento”. Alguns colegas concordaram com a opinião dele, mas uma estudante defendeu que aquela poderia ser um jeito de aproveitar o espetáculo, “à sua maneira”.

E no momento de começarmos a decidir que trabalhos faríamos sobre o assunto, este mesmo estudante teve a de fazer, junto com outro colega, uma escultura de duas mãos segurando um celular. Dentre os materiais com os quais podíamos trabalhar,

ele escolheu fazê-la em gesso com molde de alginato³. Penso em como todos esses acontecimentos nos falam de uma riqueza de detalhes, dos quais com certeza não consigo dar conta completamente: inicialmente, o gesto de ficar apertando as mãos; depois a crítica, em aula posterior, em relação às pessoas que se preocupam em filmar quase que totalmente um evento; e, por fim, a escolha em fazer uma escultura de mãos segurando um celular.

Meu trabalho como professor-pesquisador caminhou por aí: observar atentamente a vida, minha e daqueles jovens; planejar o que seria desejável conversar com eles, sugerir, ouvir, ajudar a escolher, escrever, testar, provocar e novamente olhar – enquanto todas estas coisas aconteciam quase que simultaneamente e de forma constante. Em meio aos caminhos possíveis, abertos a tudo isso, como então não considerar isso como uma pesquisa-intervenção?

Em meio a esse turbilhão de cenas que é uma sala de aula, a atenção se mostra um elemento chave a ser pensado

³ O alginato é um produto usado originalmente por dentistas para se tirar moldes de dentes. É um pó que se misturado com água na proporção adequada resulta num material gelatinoso e que “pega” detalhes de superfícies que estejam em contato com ele.



com muito cuidado e a ser valorizado. A pesquisadora Virginia Kastrup (2015, p. 33), ao falar sobre o papel e funcionamento da atenção em uma pesquisa, dialoga com alguns autores de modo especial. Inicialmente inspirada em Gilles Deleuze, em seu *Abécédaire*, ela coloca que todas as cenas e discursos, que constituem um certo ambiente, aparentam desconexão e fragmentação – daí que requerem uma concentração sem focalização, uma espécie de *atenção à espreita*. A autora também salienta os diferentes funcionamentos que a atenção pode assumir: “seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações, como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa, etc.” (KASTRUP, 2015, p. 33). Concluindo que a “atenção cartográfica” é algo a ser permanentemente aprendido.

A atenção flutuante (elaborada por Sigmund Freud) é trazida por Kastrup (2015, p. 35, 38), como uma atenção aberta ao que está acontecendo, sem preocupar-se tanto em selecionar algo *a priori*; a é manter a atenção suspensa, para assim ficar aberta ao encontro, enfim, para *ser afetada* pelas coisas. Assim, quem faz pesquisa no campo coloca-se em meio a uma

profusão de elementos que o afetam – desde sentir-se instigado até mesmo fazer-se distraído. Logo, faz-se necessária uma espécie de “resistência aos dispersores”, como salienta a autora, para não se prestar atenção a tudo o que ocorre.

Pensando esse exercício de foco e a “resistência aos dispersores”, conforme levantado por Kastrup, trago a dificuldade de viver isso, na medida em que, simultaneamente, estamos expostos a um excesso de estímulos, como nos diz o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em a *Sociedade do Cansaço* (2017a, p. 31), a respeito da atenção nos nossos dias. Tantos estímulos nos afetam em demasia, no contexto informatizado e visual, o que acabaria por modificar a estrutura de nossa atenção, que se torna um tanto fragmentada. O autor destaca a presença de uma *atenção multitarefa*, uma atenção ampla, porém rasa, essa nova maneira com que fomos levados a trabalhar nossa atenção, num tempo que exige respostas rápidas, com pouco tempo para pausas.

Tal contexto cultural dificultaria uma atenção profunda, contemplativa. No lugar desta, uma hiperatenção, de caráter disperso, parece tornar-se predominante. (HAN, 2017a, p. 33). O cuidado para não ser engolido pelos ritmos frenéticos do cotidiano,

no caso de uma escola (entre a papelada da burocracia, as trocas de salas, os tantos trabalhos, a necessidade de estar atento ao que acontece na sala e nos corredores, ao que fazem os estudantes, as rápidas mudanças de foco), diz respeito a um esforço para não incorrer, sem querer, numa não percepção de detalhes, que podem ser potencialmente muito produtivos para a pesquisa (e para a boa relação na sala).

Essa atenção demanda uma aprendizagem do ver (HAN, 2017a, p. 51-52), em que possa ocorrer a prática do descanso e da paciência, para assim gerar uma *atenção contemplativa*. Não se trata aqui de uma passividade, de aceitar tudo, mas sim de uma resistência ao excesso de estímulos do meio. O filósofo nos diz que a incapacidade de resistir aos impulsos e estímulos se converteria em uma hiperpassividade. Contemplar, para o autor, tem relação com certo tipo de recolhimento: é a atenção profunda que o gera, de modo a trabalhar a “instabilidade dos olhos”, evitando que perambulamos sem pousar em algo, numa incapacidade de fazer com que alguma coisa se manifeste (HAN, 2017a, p. 37).

Por fim, quanto ao texto, o penso como um “caleidoscópio de fragmentos e experiências” como escreve o professor Carlos

“Não gosto de redes sociais, tenho Ultratapp, por causa de ser duas etapas.” (as amigas)

“Para atentar” (mudar peneiras umas)

“Sudo e aparência” (nas redes)

“Eu não consigo ficar sem” (o celular)

“Quando não tenho nada para fazer fico passando o dedo na tela”

Frases do estudo ~~ter~~ que do português sobre o que achavam das redes sociais e a conexão das pessoas pelo celular.

“Não preciso pensar sobre isso”.



Aula 910

Skliar em *Desobedecer a Linguagem*, acerca do ensaio na linguagem da pedagogia. Defendendo um texto que permita a soltura, o artesanal, o antissistemático, que possa abrigar o descontínuo, a experiência humana individual, bem como o frágil (SKLIAR, 2014, p. 198). Que foi onde minha atenção deteve-se majoritariamente. E suas imagens e cenas seguem o mesmo rumo, como salientou a professora Alik Wunder (2008, p. 124), buscando sempre olhar onde nada acontece aparentemente, em seus detalhes inúteis, criando um espaço para que algo apareça.

Assim, coloquei os trabalhos desenvolvidos por estudantes ao lado de discussões teóricas com as quais percebi relações, tentado dentro do possível, buscando adentrar as imagens para ver contradições, questões outras que as falas e escritas não deram a entender, que escapam.

25/06
gestos que se repetem e
feitos muitas vezes que percebo



Imagem 10: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

2. UM PROJETO PARA PENSAR JUNTO

Como desdobramento metodológico, apresento agora aspectos e momentos do projeto voltado para as aulas de artes em 2017 e 2018, com as duas turmas de 9º ano. Propus como projeto trimestral refletir sobre a cultura digital, por meio de leituras, apresentação de vídeos e criação de trabalhos visuais, além de produções textuais.

Ao fim de 2016, percebi-me, de um lado, trabalhando com adolescentes, que colocavam em seus trabalhos visuais símbolos e imagens referentes a redes sociais e aplicativos; e, de outro, tinha acesso a reportagens abordando os excessos e possíveis riscos para jovens que usam demais a *internet*, o computador e o celular.

A intenção era que os estudantes tivessem um espaço criativo para mostrarem suas críticas, preocupações, dúvidas; enfim, algo que lhes chamasse a atenção no modo de se relacionar mediado por redes e imagens. Esse foi um importante exercício de aproximação minha, em direção ao tipo de entendimento que eles têm sobre o assunto, possibilitando uma produção de pensamento sobre a relação deles com tantas

ferramentas, a importância (ou não) delas para seus modos de viver e relacionar-se.

Na primeira etapa, apresentei algumas imagens, fotografias e vídeos, as quais, de diferentes modos, chamavam nossa atenção para o modo como muitas vezes as pessoas, de maneira geral, relacionam-se com as redes sociais. Alguns destes materiais enfatizam/vam nelas a publicização de cenas consideradas até pouco tempo como íntimas; também o hábito de registrar os mais variados momentos, desde os mais corriqueiros; além de uma série de performatividades elaboradas exclusivamente para a pessoa se (re)apresentar nas redes virtuais. Assim, a conversa girava em torno de como, para eles e elas, existia ou não alguma identificação com aquelas imagens; se conheciam pessoas que tinham hábitos relacionados com as situações apresentadas.

Vários estudantes consideravam que se tratava (e algumas imagens) de um tipo de comportamento “exagerado”. Alguns defendiam sua posição, argumentando que, se a fotografia era sobre a pessoa, e estivesse na página dela, não haveria qualquer dificuldade; afinal, “era problema dela”. E, em meio às falas, houve aqueles que relataram os próprios hábitos de se expor bastante;

alegavam fazer isso por gostarem de fotografar coisas, lugares, momentos com outras pessoas, ou simplesmente porque era uma prática comum nos seus círculos de amizades.

O projeto do fotógrafo brasileiro Fábio Seixo, intitulado *Photoland*⁴, de 2008, trata-se de um vídeo constituído por fotografias de pessoas em diferentes locais e posições, captando imagens suas ou de outras pessoas, coisas ou lugares. Ele argumenta que as pessoas, em uma sociedade como a nossa, estariam mais preocupadas em tirar fotografias do que de experienciar o momento. Acredito que, diante dessa crítica, inclusive já bastante difundida, podemos nos questionar se uma situação dessas se constitui, efetivamente, como “falta de experiência”, ou, talvez, seja uma outra forma de experienciar as coisas do mundo.

Para pensarmos um pouco mais acerca de uma hipotética “falta de experiência”, em relação ao que vimos discutindo aqui, trago as reflexões do pesquisador Cleber Gibbon Ratto em sua tese de doutorado. Para Ratto, poderíamos falar em um tipo de miséria muito particular, vivida em nosso tempo, possivelmente

⁴ Vídeo completo: <https://vimeo.com/50550160>

devido a tantos recursos e dispositivos tecnológicos, aos quais temos acesso, para registro e reprodução de imagens (2008, p. 148). Apoiado em Jorge Larrosa, ele enfatiza dois tipos de excessos aos quais estamos expostos, nesta que tem sido chamada de “sociedade da informação e da comunicação” (e que nos impediriam de sermos afetados mais densamente por experiências): o primeiro, a circulação em demasia de informações de todo o tipo; e o segundo, a compulsão à pressa, a dificuldade de deixar-se estar, sem que tudo possa ocorrer em tão excessiva velocidade.

Gera-se uma angústia por estar sempre informado, criando-se um problema a ser ainda investigado com mais vagar – como se essa busca por “conhecimento” não desse espaço a gestos e práticas “sensíveis”, de provocação de nossa sensibilidade. Poderia dizer-se, então, que o excesso de informação torna-se uma “antiexperiência”. Como decorrência da necessidade de estarmos permanentemente informados, vive-se o excesso de pressa: afinal, não podemos ficar desatualizados, em descompasso com a *internet* e com o “mundo”. A instantaneidade de tudo o que vivemos estaria nos privando da intensidade



Imagem 11: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

necessária à nossa formação subjetiva, bem como à “duração” dos acontecimentos (RATTO, 2008, p. 150).

A maioria dos estudantes pareceu concordar com a crítica do fotógrafo, afirmando que as pessoas de fato “deixavam de viver o momento”, para focar apenas na câmera. Alguns, no entanto, argumentaram que, caso se tratasse de algo muito bonito, ou raro de ser presenciado, valeria a pena fotografar o máximo possível.

Outro material, foi o vídeo de uma propaganda inglesa cômica, chamado *Can I be your friend?*⁵, de 2011. A peça publicitária brinca com o fato de serem tão estranhas algumas ações, comportamentos e expressões, usados e veiculados nas redes sociais, no caso, o *Facebook*, quando reproduzidas no contexto “não virtual”. Para provocar tal estranhamento, o ator conversa com pessoas, mostrando álbuns de fotos, escrevendo ou colando *likes* em objetos ou nas próprias pessoas, ao mesmo tempo que pergunta se poderia ser “amigo” delas; e acaba por segui-las pelas ruas. Ao acompanhar o vídeo, observamos o quão curioso se mostra o espanto das pessoas com as quais ele interagia.

⁵ Vídeo completo: <https://www.youtube.com/watch?v=i2QCVs0q-vU>

Outro vídeo usado para motivar o debate foi uma propaganda chamada *Are You Living an Insta Lie? Social Media Vs. Reality*⁶, que enfatiza o esforço das pessoas em tentarem aparentar ter outros hábitos e comportamentos, diferentes daqueles que “realmente” possuem. Aparecem no vídeo pessoas tentando aparentar, visivelmente, que são organizadas, ou que estão em um relacionamento onde tudo estaria muito bem, ou ainda trocando de roupas uma infinidade de vezes (para tirar uma foto “perfeita”); vê-se também a já costumeira cena de amigos sentados juntos, todos usando o celular.

Muitos estudantes identificaram-se bastante com as imagens mostradas no segundo vídeo. Entre os materiais mostrados em aula talvez tenha sido aquele do qual se sentiram mais próximos. Um menino falou que tinha o hábito de trocar de roupa várias vezes para conseguir uma foto satisfatória; outro mencionou que havia visto uma reportagem sobre pessoas obceçadas por fotografarem a si mesmas. Alguns enfatizaram que era bem desagradável a experiência de, estando com amigos,

⁶ Propaganda, de 2017, feita em parceria pela *DicththeLabel*, uma organização estadunidense que trabalha na prevenção do *bullying*, e a *Boohoo*, uma empresa inglesa do ramo da moda. Vídeo completo: <https://www.youtube.com/watch?v=0EFHbruKEmw>

terem sua presença ignorada pelas pessoas, que preferiam concentrar-se no celular.

Em algumas aulas levei um fragmento do livro *O Show do Eu*, de Paula Sibilia (2016, p. 40-42), em que ela trazia o relato de uma *youtuber* australiana muito popular, dando dicas para uma vida saudável e “zen”. Um dia, ela resolveu expor os tantos problemas vividos por ela, na própria produção que fazia para as redes: o quão estressante eram as diversas fotografias que tirava, as propagandas que fazia para marcas, a busca e disputa por curtidas e as estratégias para conseguir cada vez mais seguidores.

Depois da leitura, alguns ficaram um pouco espantados com a possibilidade de que os *youtubers* que acompanhavam pudessem ter um comportamento “falso”, só para se promoverem e conseguir os respectivos benefícios. A partir disso, alguns estudantes trouxeram exemplos de *youtubers*, imagens e vídeos que viam nas redes sociais, e que lhes causavam desconfiança quanto a um suposto caráter de verdade, que então passou a ser questionado, seja por parecerem exagerados, ou por aparentar estarem sempre bem, dispostos e alegres. Conversamos sobre o quanto as pessoas usam de estratégias para disfarçar sentimentos

Imagem 12: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

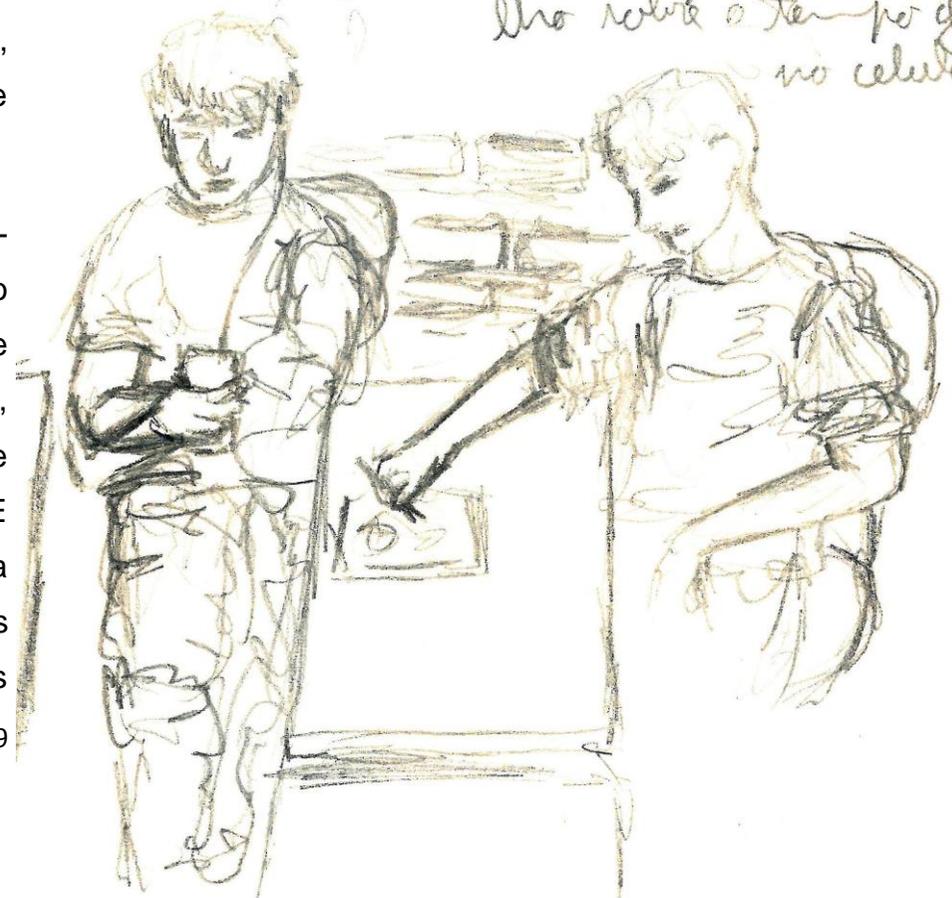
considerados inadequados para expor em público – como a tristeza, a melancolia, por exemplo. A discussão encaminhou-se para pensar mais detidamente sobre uma sociedade que não tolera algo diferente de aparentar estar bem a todo o momento.

Debates como esse levantam questões sobre o que é falso e o que é verdadeiro, tendendo muitas vezes a apontar como falsidade aquilo que está na *internet*, e verdade aquilo que é do “mundo real”. Mais uma vez, reforço a necessidade de quebrar com as dicotomias falso *versus* verdadeiro, ou virtual *versus* real, especialmente se pretendemos uma produção criativa de pensamentos, em relação a essa temática.

Após essas etapas deu-se início aos trabalhos poético-visuais, utilizando linguagens diversas. O tempo para o desenvolvimento dos trabalhos foi o das aulas de artes em grande parte (podendo fazer um pouco em casa quando necessário), durante algumas semanas, para termos tempo de iniciar, mudar de ideia, conversar, acompanhar, ver os processos de colegas. E também porque muitos/as não tinham tempo e ou os recursos da sala para realizar os trabalhos, principalmente em grupos. Os materiais produzidos poderiam abordar aspectos tratados nas

920
10/09 "O problema, o difícil é
que tem que pensar e in-
terpretar os desenhos"

estudante de frente de
o outro para seu traba-
lho sobre o tempo gasto
no celular



imagens exibidas e nos debates, sem esquecer a referência a experiências próprias. Durante o processo de elaboração e desenvolvimento dos trabalhos, procurei, oferecer um tratamento mais individualizado e, com isso, conseguir uma aproximação melhor, ouvindo relatos detalhados, que nas aulas anteriores acabaram não sendo compartilhados. Com essa escuta mais atenta, creio que é possível perceber os tantos questionamentos, dúvidas e preocupações que envolvem as relações dos jovens com a temática deste estudo. Além dos trabalhos poéticos, os estudantes deveriam produzir um texto sobre os mesmos, relacionado-as ao tema discutido ao longo do trimestre.

Entre os trabalhos desenvolvidos, alguns temas mostraram-se constantes, por isso agrupei-os por proximidade, tais como: a possível redução da comunicação pessoal colaborando no afastamento; os hábitos de registrar e publicizar momentos cotidianos; a vaidade, a busca por *likes*, as máscaras na tentativa de aparentar ser diferente no espaço virtual; as ofensas e o *cyberbullying*; e o exagero, vendo como prisão às vezes.

3. QUE “EU” SE MOSTRA?

ENTRE APARÊNCIAS E VERDADES

As experiências relatadas até aqui conduziram-me a pesquisar os modos como os jovens com que trabalho se relacionam com as diferentes práticas envolvendo a mediação das redes sociais. Como todos esses artefatos e respectivas ações cotidianas passam a fazer parte da construção de si mesmo? Como afetam suas elaborações subjetivas? Que relações estabelecem entre o que vivenciam nesses novos espaços de interação e o que ocorre em termos de sua experiência no mundo social? Essas questões iniciais me levam a pensar, em termos mais concretos, sobre como uma prática de ensino de artes poderia ser problematizadora desses discursos e imagens, de modo a tensionar um tal fluxo incessante de consumo e produção de imagens e interações.

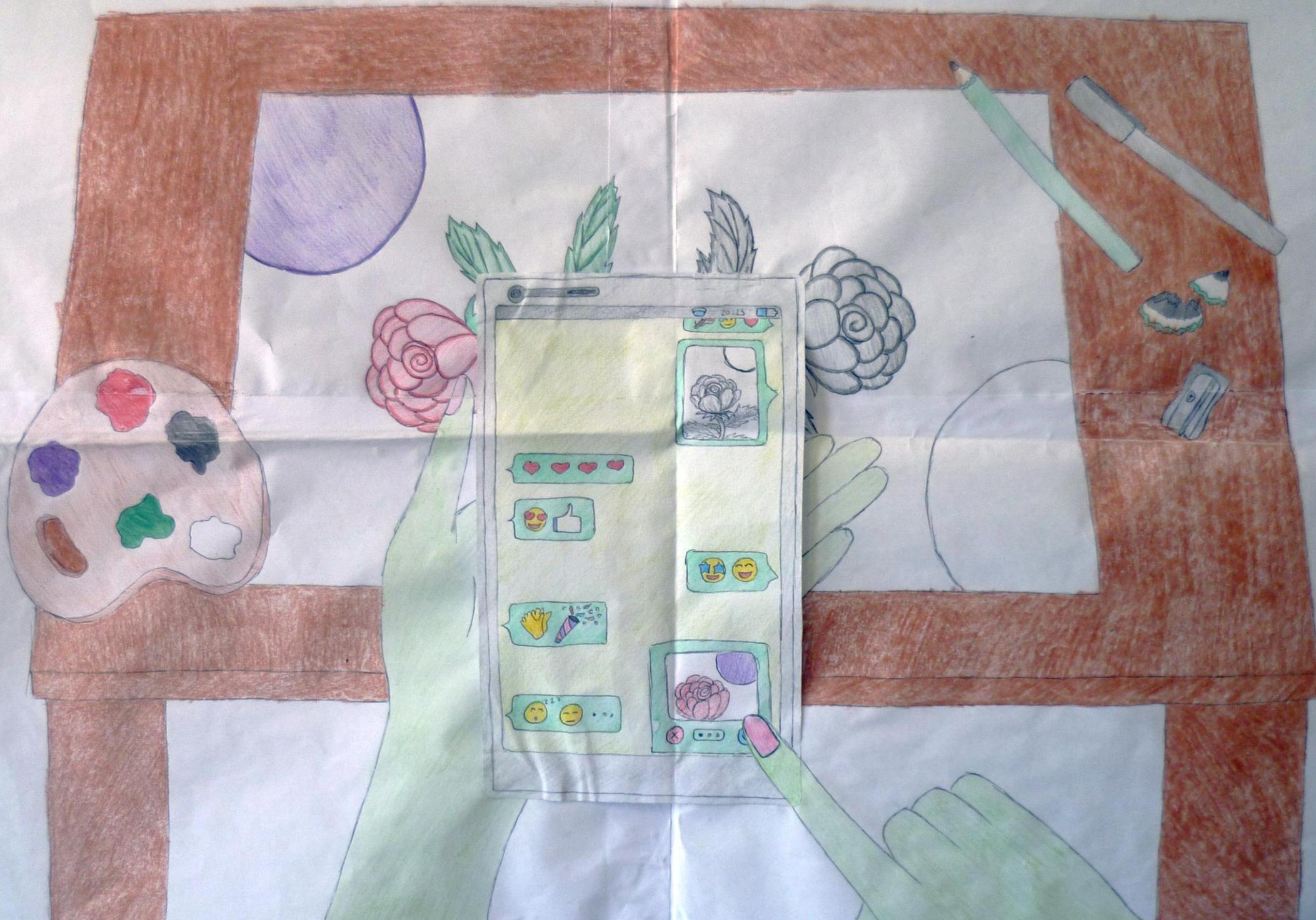
Início então o exercício de expor diferentes trabalhos realizados com estudantes, relatos e fragmentos de aulas, entrelaçando-os com discussões teóricas que julgo pertinentes aqui. Apoio-me, primeiramente, nas reflexões da pesquisadora argentina Paula Sibilia (2016) em seu livro *O show do eu*. Sibilia

analisa as mudanças em hábitos e maneiras de nos relacionarmos, atualmente, destacando em especial a forte tendência à exibição da intimidade, nos espaços das mídias digitais: desde o correio eletrônico no fim do século XX, passando pelos *chats* e mensagens instantâneas, chegando às redes sociais (*Orkut, MySpace, Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram* ou *Pinterest*), bem como a *sites* de compartilhamento de vídeo, como o *YouTube* e os *blogs*. Essas ferramentas, como sabemos, possibilitaram a exposição pública, em larga escala, de testemunhos pessoais – uma verdadeira expansão dos antigos diários íntimos. Paralelamente, houve a popularização das câmeras digitais, bem como dos aparelhos de comunicação portáteis, possibilitando uma quantidade de registros, incomparáveis ao que propiciava a câmera analógica de fotografia.

Vejamos alguns exemplos de criações das/os estudantes a respeito. Trabalhamos em aula o tema da publicização de nossas vidas – exposição dos próprios corpos em si, atividades e ou de objetos criados no cotidiano. Houve, também, produções que falavam de quem os fizeram. Uma estudante, que manifestou não gostar de usar redes sociais (usava apenas o *Whatsapp* para falar

com amigas), escolheu realizar um desenho (página seguinte) sobre pessoas que utilizam as redes com o fim de divulgar seus trabalhos artísticos. Quando questionada, referiu que gostava muito de desenhar; porém, não tinha sobre um possível desejo de divulgar suas criações nas redes. No desenho da jovem, chamou-me a atenção que as mãos da pessoa que desenha e fotografa são de alguma forma, para ela, alguém diferenciado. Ela diz em seu texto: “Pintei as mãos dela em uma cor verde, mostrando que ela se sente um “alien”, diferente do resto da sociedade. Então ela usa a arte para expressar seu modo de ver essa sociedade tão estranha aos seus olhos.”

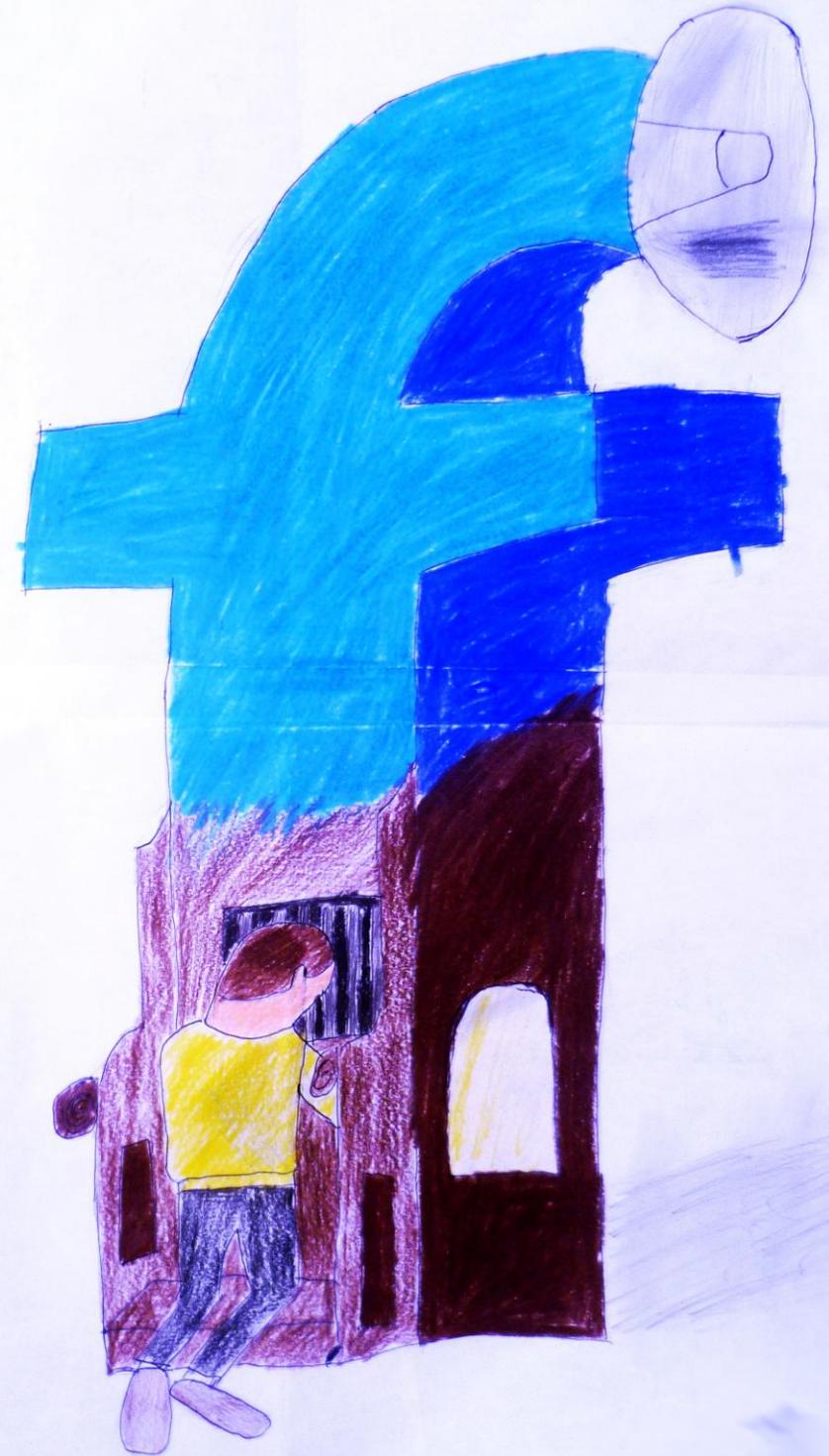
Imagem 13: Lápis colorido sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.



Talvez a quase naturalidade com que usamos e incorporamos as redes sociais digitais no dia a dia faz com que consideremos os “não usuários” como pessoas que estão fora (ou “por fora”) do que acontece neste mundo. Muitos (ou alguns) de nós, as estranhamos. Na escola, presenciei conversas em que um dos estudantes falava de outro, “estranho”, como se falasse realmente de alguém “de outro mundo”. Mas poderíamos questionar: será que muitas pessoas também nos questionam sobre os motivos que por vezes nos levam a utilizar tanto estas redes? No caso do desenho acima, estaria nos mostrando justamente isso, um estranhamento?

Outro estudante elaborou dois desenhos, sob a forma de charges, sobre dois hábitos bem recorrentes: o de fotografar refeições e o de usar as redes para confessar-se. Apresento, aqui, o da confissão, no qual ele mostra um confessionário transformado em megafone, via *Facebook*. O estudante trouxe imagetivamente a discussão sobre a prática de confessar aspectos da vida privada em um meio virtual praticamente de caráter público; também refere a possível perda de controle das confissões feitas a alguém ou a

Imagem 14: Lápis colorido sobre papel, 29 x 40 cm, 2018.



um grupo específico, as quais passam a ser expostas publicamente, sem a permissão da própria pessoa.

Essa imagem lembra que estamos aqui diante do que tem sido chamado de “borramento” das fronteiras entre o que seria do mundo privado e o que seria público; atualmente, sabemos, esses espaços se misturam, estão em constante intersecção. Cleber Ratto (2006, p. 28) escreve sobre o fato de que, apesar de as técnicas de comunicação serem constitutivas da humanidade, jamais elas tiveram tanta força sobre nossos modos de existência, a ponto de beirar a “naturalidade”, devido a sua quase onipresença. Tais mudanças produziram o que Sibilía chama de “diário éxtimo”, um diário virtual de caráter praticamente público, fruto do hábito de expor a intimidade nas redes.

Em uma discussão com os estudantes, sobre se as postagens de alguém seriam privadas ou públicas, uma menina argumentou que uma pessoa pode postar o que quiser em uma página sua, mesmo algo da ordem do privado. Em compensação, um dos meninos discordou: para ele, as páginas são públicas, pois todos podem ver ou ter acesso a elas, mesmo que o fizessem por meio de outra pessoa. As discussões dessa aula não levaram a

qualquer conclusão: pelo contrário, multiplicaram-se as dúvidas. Afinal, ainda perguntamos, quais os possíveis limites (e se existem) entre o privado e o público hoje?

O sociólogo Zygmund Bauman (2011) em suas *44 cartas do mundo líquido moderno*, definiu público e privado como conceitos antagônicos. A arena pública foi, durante muito tempo, o espaço para as pessoas que quisessem nela entrar (com as devidas restrições, sociais, políticas, étnicas e de gênero, conforme a sociedade de que se trata); e o que era dito ou feito nela poderia vir a ser ouvido e visto pelas pessoas presentes. Público e privado, de alguma forma, tiveram suas fronteiras relativamente demarcadas. O sociólogo nos disse ainda que, ao longo da modernidade, o espaço privado foi como que uma zona de segurança contra as investidas do Estado, no sentido de obter dele informações.

Neste nosso tempo cada vez mais informatizado, sabemos que instituições diversas obtêm nossos dados privados das mais variadas formas. Grandes empresas de serviços e produtos baseados na *internet* vivem dessa obsessão (econômica e de poder), de oferecer serviços de acessibilidade quase infinita a

informações e, ao mesmo tempo, infiltrar-se em nossas vidas, obtendo dados sobre os quais às vezes nem suspeitamos.

Além disso, lembrou Bauman, deve-se considerar a relevância das chamadas “celebridades”, do mundo das mídias, da moda e do próprio mercado, o interesse crescente por suas vidas, de tal modo que a esfera pública passou a contaminar-se por uma espécie de sede pelas informações da privacidade. (BAUMAN, 2011, p. 28). Nessa linha, o teórico Roland Barthes, no início da década de 80, em seu livro *A câmara clara*, já refletia sobre a vida privada, concebendo-a como uma zona de espaço e tempo em que, originalmente, alguém não poderia ser objetificado, simplesmente tornado uma imagem (1981, p. 31). Mas ele advertiu que, no período de prevalência da fotografia, passou-se à “irrupção do privado no público, ou melhor, à criação de um novo valor social, que é a publicidade do privado” (BARTHES, 1981, p. 137).

Semelhante ao conceito de extimidade, usado por Paula Sibilla, Cleber Ratto (2006, p. 33) fala de *intimização assistida* – esse modo de expor-se, devido, sobretudo a uma lógica da privatização dos espaços públicos, pelos discursos da lógica da intimidade. E o autor salienta o adjetivo *assistida*, já que há o

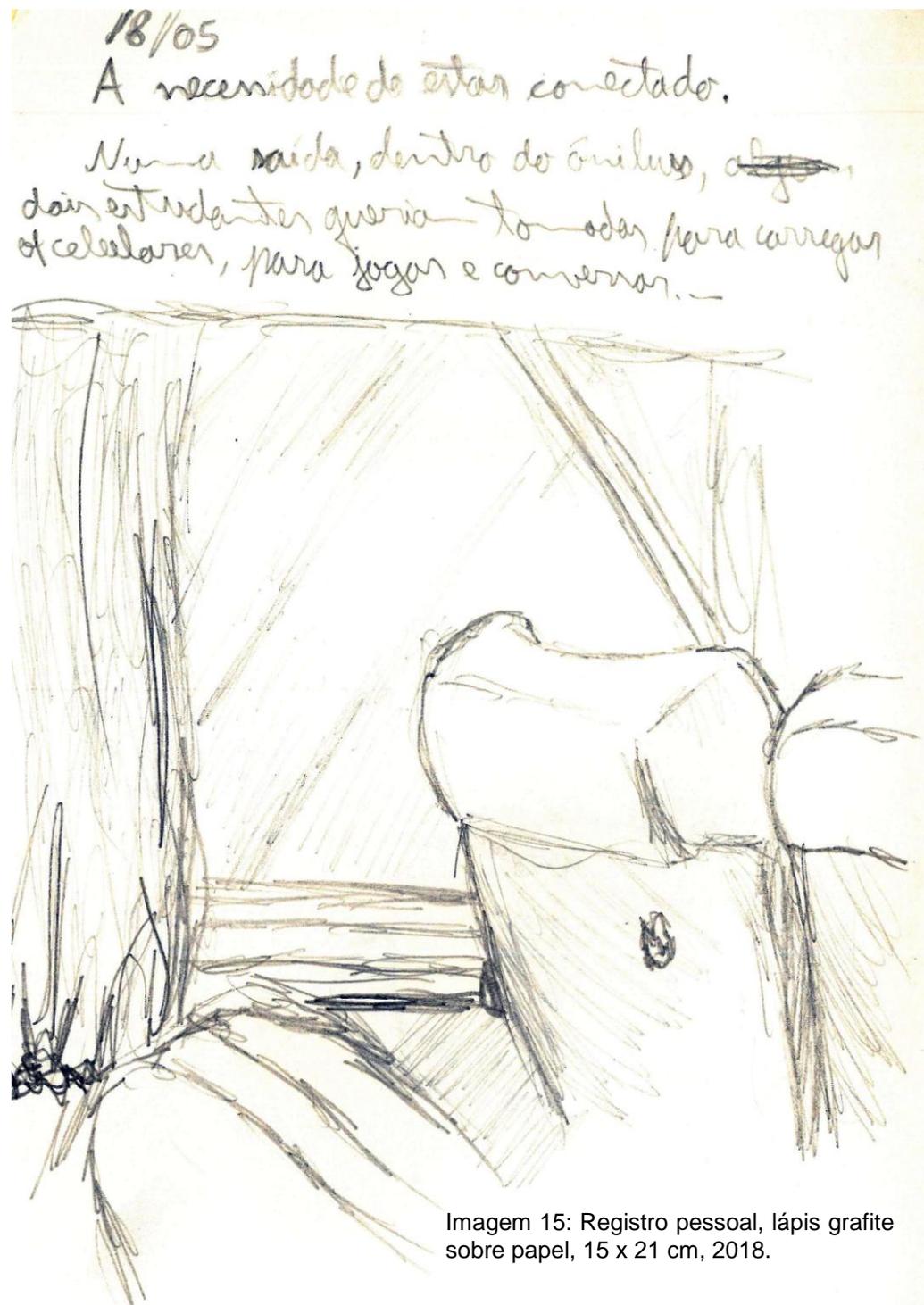


Imagem 15: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

reconhecimento e a manutenção da intimidade, intrinsecamente ligados a uma apresentação pública; ou seja, algo plenamente dependente do espaço público. Um problema decorrente dessa sociedade de exposição de si mesmo, seria uma certa espécie de desinteresse pelo que é, do ponto de vista político e social, algo da ordem do “público”.

Relaciono a produção da *extimidade*, apontada por Sibilia, bem como a *intimização assistida*, de Ratto, com o que Han (2017b) afirma, em *A sociedade da transparência*, sobre o fenômeno da transparência em nossa sociedade, como resultante dos avanços tecnológicos, que acabam afetando outras dimensões da vida humana. A transparência desencadearia o que ele chama de uma *sociedade positiva*, surgida ao longo do século XX, na qual tudo se busca expor, nivelar e comunicar, desconstruindo uma forma anterior chamada por ele de *sociedade da negatividade*: a negatividade teria a ver com esse espaço íntimo, o cultivo de si, o sofrimento, as diferenças, o que não pode ser comunicável, assim como a alteridade e o desconhecido.

O filósofo Walter Benjamin (1994), no texto *O narrador*, de 1936, escreveu sobre o aumento e a prevalência da informação,

frente aos relatos tradicionais, frutos da tradição oral da narrativa (concebendo-a como uma experiência rica, que afetava profundamente tanto a pessoa que narrava quanto a que ouvia), e que eram tecidos com grande esmero.

A narrativa oral, para Benjamin, teria a ver com relatos passados de geração a geração, que se abrem ao impreciso e ao nebuloso. Já a informação afina-se cada vez mais com a velocidade dos meios técnicos, sendo sintética, objetiva, sem deixar margens para as interpretações, ou seja, adequada cada vez mais aos mecanismos ligados à transparência. O filósofo considerou isso uma abreviação das narrativas, concebendo-as como *short stories*.

As ações, quando se tornam facilmente calculáveis e controláveis, aproximam-se de uma concepção de “máquina”. O tempo, ao ser comprimido, mostra-se com uma ênfase maior no presente, em detrimento do futuro. Logo, para além da liberdade de informação que nossa época permite, a transparência aparece como um mecanismo sistêmico de controle, ao qual somos levados pelo sistema social, visando a uma operacionalização e aceleração dos processos de informação. Nesse contexto, muitas imagens são

“despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica” (HAN, 2017b, p. 10).

Relacionando as *short stories* com os relatos breves existentes nas redes sociais, Sibilía (2016, p. 182-183) aponta que neles, tanto na forma escrita (digital) quanto na audiovisual, as pessoas falam sobre o cotidiano e acontecimentos diversos, estabelecendo uma espécie de “informatização da experiência”, adequando-se assim ao mundo da informação.

Claro, isso não se dá de forma generalizada: há práticas estabelecidas nas redes sociais, que entram em atrito com esse aspecto dos relatos breves e sua adequação à informação. Há uma espécie de “fenômeno de *internet*”, sobre o qual a autora não se refere explicitamente, mas acredito que possa ser colocado em questão aqui – refiro-me aos já famosos “textões” no *Facebook*, normalmente redigidos em tom de desabafo, e associados a um possível descontentamento e mal-estar em relação a algum acontecimento, pelo qual a pessoa passou. Mesmo sendo muitas vezes ignorados ou evitados, os “textões” vão na contramão da rapidez dos relatos. Nos *vlogs*, temos o mesmo fenômeno: vídeos

longos, falando sobre algum tema considerado relevante pela pessoa.

Volto aqui aos trabalhos dos estudantes. Algo que considero relevante foi que grande parte das produções abordavam a busca por *likes* e a vontade de agradar outras pessoas – atitude vista por eles como algo “exagerado”, como a tentativa de uma pessoa tentar “ser a outra”, “vivendo de aparências”. A analogia com as máscaras apareceu junto a isso, com as mais diferentes dúvidas quanto à vida, às ações, manifestações que se desenrolam no âmbito virtual: isso tudo seria real ou não? Em outras palavras, nos debates, discussões, conversas e nos próprios trabalhos em aula, estávamos, em diferentes momentos, tangenciando a discussão sobre real e virtual.

É possível afirmar, também, que esse debate se articula ao problema da lógica da competição, da busca por popularidade, pelo consumo daquilo que está mais em evidência.

Abordando estas questões, Sibilia (2016, p. 42) comenta que muitas pessoas acabam por desenvolver “estratégias pessoais de exibição nas telas”, estratégias que se tornam como que

“naturais”, nesse contexto de redes e exposições. Mas não se trata de imagens quaisquer; são momentos da vida cotidiana, capturados e exibidos. Geralmente, há um grande cuidado na seleção do que será exposto: faz-se como que a organização e curadoria de uma vida tornada imagem, uma administração da imagem *on-line*, através dos processos de hierarquizar, cortar, apagar, escolher, enfatizar. Processa-se um *layout* editável, onde se pode apagar e recomeçar, a qualquer momento e quando se fizer necessário.

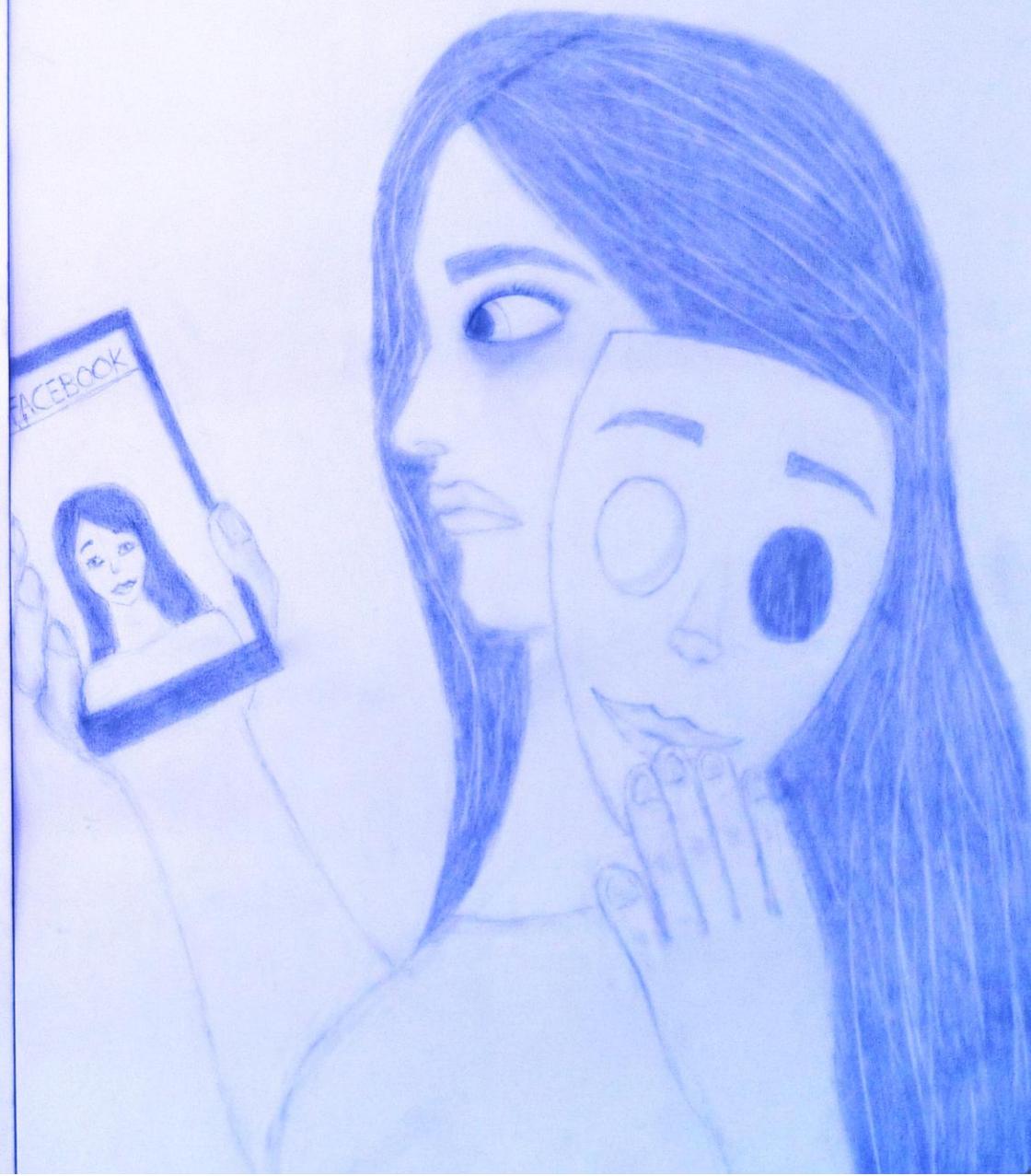
E convertendo-se em imagens, através de performances diversas nessa imersão digital, nós acabamos por nos investir de certas regras vigentes de visibilidade pública – entendendo aqui “imagem pública” não como a “representação tecnicamente audiovisual (retrato, filme, etc) de um referente humano, mas um simulacro verossímil ou crível” (SODRÉ, 2002, p. 37).

Carla Fernandes

Atualizou sua foto de perfil 



Imagem 16: Lápis colorido e grafite sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.

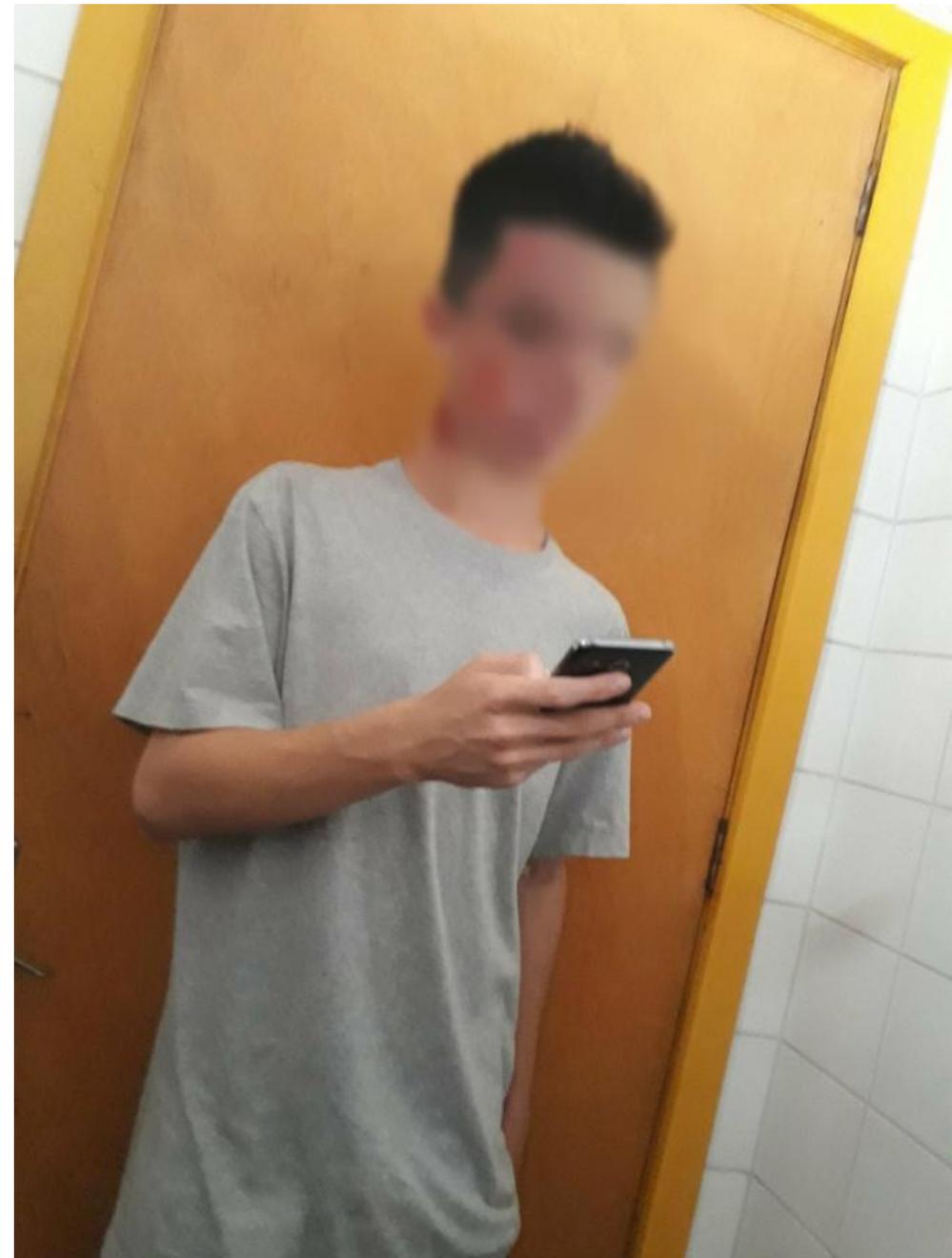


No díptico na página anterior, a estudante fez referência às concepções de “felicidade” e “falsidade”, algo que já chamava sua atenção em várias ocasiões e encontros que tivemos. De um lado, a representação de uma jovem que aparece “feliz”, usando uma máscara branca. Isso simbolizaria uma possível camuflagem, a possibilidade de apresentar um rosto para cada momento, no âmbito virtual? O rosto colorido, conforme salientou a estudante em seu texto, representaria “uma felicidade sem medidas”. Ao lado, o contraste: a imagem ao lado, em tons cinzentos, mostra a menina com o olhar direto no celular: ali estaria a “realidade”(?).

Acredito que a analogia visual não foi gratuita: vem sendo sedimentada em nossos imaginários ao longo de muitos anos, na medida em que as imagens foram assumindo um lugar cada vez mais de destaque. Barthes escreveu, a propósito dos clientes de um café, que alguém teria dito: “Veja como são insípidos; hoje em dia, as imagens são mais vivas do que as pessoas.” (1981, p. 162). Logo, não me espanta que uma jovem possa pensar que a face da vida fora do meio virtual seja mais desbotada que “as imagens de lá”, da publicidade e do cinema, como muitos acreditam que de fato seja, “na realidade”.

A mesma menina apontou que nem todas as pessoas usam as redes sociais para fazer uma propaganda de si, mas que esse fato ocorre predominantemente. Ela também percebeu como se houvesse duas realidades, a “real” e a “virtual”, ficando a primeira escondida por trás da segunda, como aparece neste fragmento de frase: “a intenção de mostrar uma realidade até mesmo escondida de muitos”.

Desdobrando a metáfora da máscara, em um trabalho com fotografia, três estudantes (duas meninas e um menino) fizeram uma série de fotos deles mesmos, em que falavam de “máscaras” e “vícios”. Por exemplo: pintaram metade do rosto com maquiagem comum, referindo-se ao hábito de pessoas maquiarem-se para tirar uma foto, na tentativa primeira de receber curtidas; o objetivo sabemos: sentir-se belo, bonito, percebido assim pelo outro, elevar a autoestima. Aqui, um trecho que considerei interessante, em que a maquiagem “também representa criar uma máscara diferente do nosso eu.” Com a maquiagem zumbi, da outra metade, o grupo referiu-se a “que muitos ficam tão viciados em curtidas e seguidores, que acabam criando vidas fictícias.”



A de um possível eu, verdadeiro, puro, livre de aparências, era algo recorrente nas falas de muitos estudantes ao longo das aulas, algo que eles tinham dificuldade de colocar em xeque. Isso aparecia quando as falas chegavam ao complexo (e filosófico) debate sobre a possibilidade ou não de nos conhecermos totalmente, de termos múltiplos comportamentos, conforme os distintos lugares e as diferentes pessoas com quem nos relacionamos.

Em seu livro, *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord (1997, p. 18) observou que, com a dominação dos aspectos econômicos sobre a vida social, ocorreu o que ele chama de uma degradação do *ser*, reduzido ao *ter*. No contexto do século XIX e início do XX, o acúmulo de bens diversos (considerados de bom gosto) poderia definir o que se “era” (SIBILIA, 2016). Já, na atualidade, ocorre a valorização do *parecer* sobre o *ter*. “Se não se mostra, se não aparecer à vista de todos e os outros não o veem, então, de pouco servirá *ter* seja lá o que for. Agora, portanto, o importante é *parecer*” (SIBILIA, 2016, p. 122). Segundo ela, verbos como *guardar* e *acumular* perderam um pouco de sentido, sendo

substituídos por outros, como *parecer* e *acessar*, assim como pelos substantivos *aparência* e *visibilidade*.

Neste contexto, segundo Debord (1997, p. 17), um tipo de comportamento adotou um raciocínio circular simples, no qual o que aparece é bom, e o que é bom aparece, o que nos conduziria a uma predominância do que apresentamos.

Estes trabalhos e narrativas são significativos para pensarmos a permanência e presença em nossa sociedade da dualidade entre o que seria real, o verdadeiro e a aparência, o falso, que encobriria tal verdade. Lembremos aqui da crítica do filósofo Friedrich Nietzsche em relação à filosofia europeia até o século XIX, preocupada com o verdadeiro mundo, o da razão, das coisas imutáveis, da essência, um mundo ideal, acessível (se possível) para poucos, em contraposição ao mundo aparente, mutável, transitório, (re)criado constantemente pelos sentidos (NIETZSCHE, 2005, p. 24; 2009, p. 16; 2012, p. 34). Estes seriam os “mundos” que nos impediriam de acessar a verdade, distorcendo-a ou tentando velá-la de alguma forma.

Acrescento aqui as palavras da professora inglesa Catherine Osborne, do texto *Filosofia pré-socrática*: ela nos fala que esses pensadores da Grécia antiga buscavam questionar a aparência

das coisas, já que para eles não haveria uma equivalência entre elas e a “constituição verdadeira das coisas”. Isso levaria ao possível entendimento de que nunca alcançaríamos a *clara verdade*. (2013, p. 86), única e imutável; e os sentidos levariam à possibilidade de acessarmos a coisas múltiplas e mutáveis, sendo por isso enganosos Tal ceticismo (a desconfiança em relação ao chamado “mundo material”), segundo a autora, acompanhou por muito tempo a ciência moderna (OSBORNE, 2013, p. 98).

Esse tema tem semelhança com a discussão do “eu verdadeiro”, comentado pelos estudantes, um eu encoberto não só pelo corpo, mas pela multiplicidade de representações em telas editáveis. Estas, ao invés de serem percebidas e tomadas como ferramentas para lembrar-nos de nossa multiplicidade, instabilidade e “contradições”, de sermos aquilo que aparentamos ser também, acabam por incrementar e fundamentar o discurso sobre a narrativa do falseamento de nosso suposto “ser verdadeiro”. Ou seja, a distorção da distorção.

E relacionando esta questão com a constante divisão entre a vida real e a vida virtual, considero aqui a reflexão da pesquisadora estadunidense Sherry Turkle, ao referir-se ao tempo que as pessoas gastam na *internet* por dia. Ela considera um erro

a divisão entre “vida real e vida virtual, como se uma fosse real e ao outra não” (TURKLE, 1999, p. 118). Considerando o tempo que passam no espaço virtual, as pessoas se relacionam, expressam, constroem suas identidade – segundo Turkle, da mesma forma que em outros lugares ditos “reais”. Ou seja, para a autora, as fronteiras entre essas faces são cada vez mais indistinguíveis. Diante disso, ela prefere usar a expressão “resto da vida”, em lugar de “vida real”. Portanto, falando em “vida virtual” e “resto da vida”, as fronteiras e distâncias acabam sendo borradas.

A professora Nadja Hermmann (2005, p. 36), por sua vez, problematiza também essa porosidade entre realidade e virtualidade. Com tantas mídias colaborando na construção da realidade e de nossa concepção de verdade através de processos de estetização pelas imagens, o virtual passaria a ser real(idade), uma referência “concreta”.

Nesse emaranhado entre o dito “real” e seu lado falso, com o digital hoje sendo aproximado disso por nossas falas cotidianas, como uma prática pedagógica poderia se contrapor, fazer a crítica ao pensamento dualístico que vem sendo sedimentado a séculos em nós e presente entre docentes também? Como dialogar como

essas práticas, como suspender esse modo de existir e pensar, colocá-lo em dúvida, sem ferir crenças e fragilizar o já fragilizado processo de ensino-aprendizagem?

4. PERCEPÇÕES SOBRE JOGOS DE “INFLUÊNCIA”

Ao pensarmos a definição de espetáculo de Guy Debord, observamos que ele não estava se referindo a um mero agrupamento de imagens, mas a uma “relação entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14). Com as redes sociais, essa característica de nossa sociedade intensificou-se ainda muito mais.

Assim, quando hoje investimos tanta energia nessa espécie de curadoria de nossas imagens, percebemos que tal modo de existência está relacionado ao que se procura a respeito de si mesmo, àquilo que se quer mostrar – ou seja, uma vida “otimizada”, sem as “imperfeições” e sem qualquer das nossas frustrações cotidianas. E, para isso, valem muitas estratégias, destinadas a agradar, ostentar, seduzir. Trata-se, em suma, da tentativa de mostrar o quanto se é belo e feliz. E um bom medidor, para as pessoas saberem se as práticas exibidas nas redes sociais estão agradando, são certamente os *likes*.

Relacionado a essa curadoria de si, apresento alguns dos desenhos que constituem uma *animatic*⁷, intitulada *Agradar*

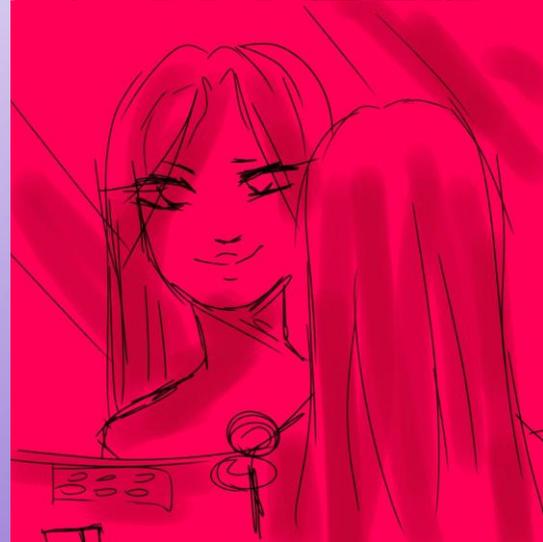
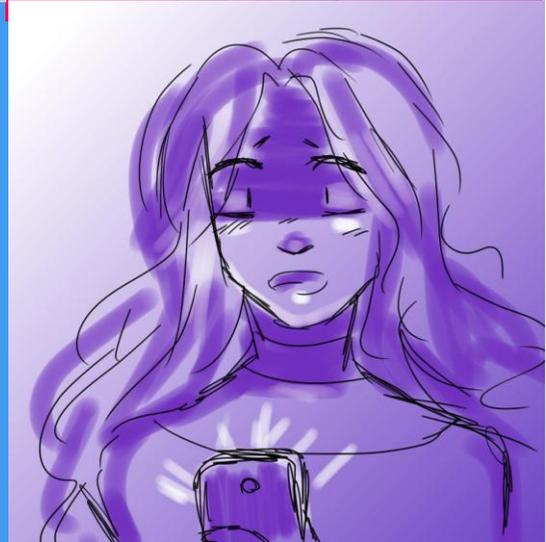
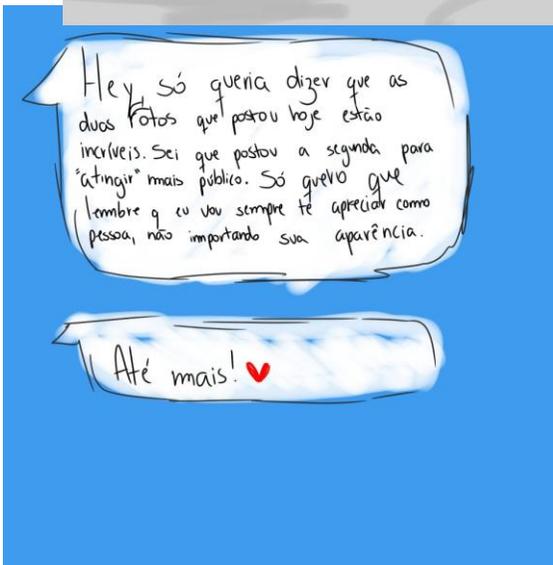
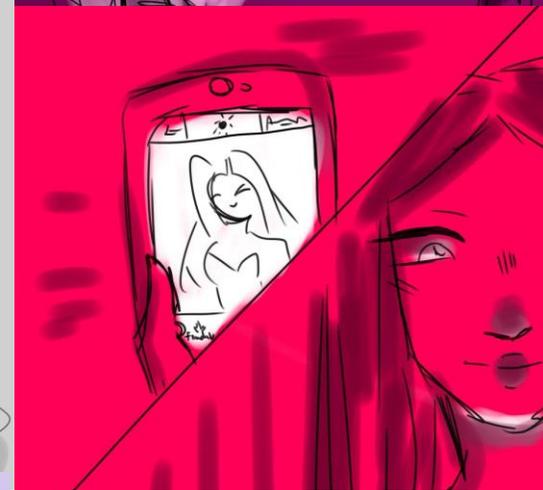
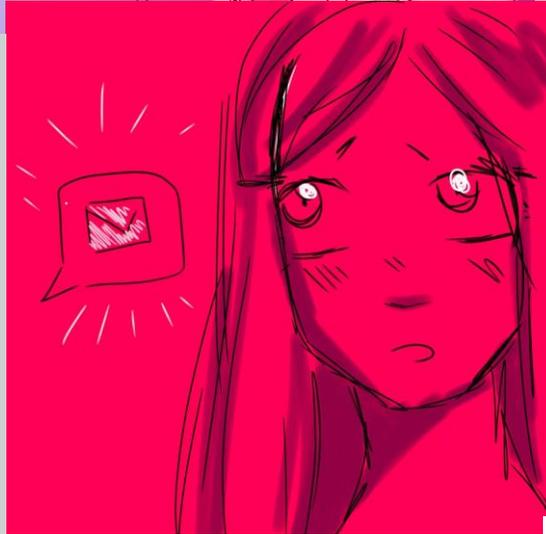
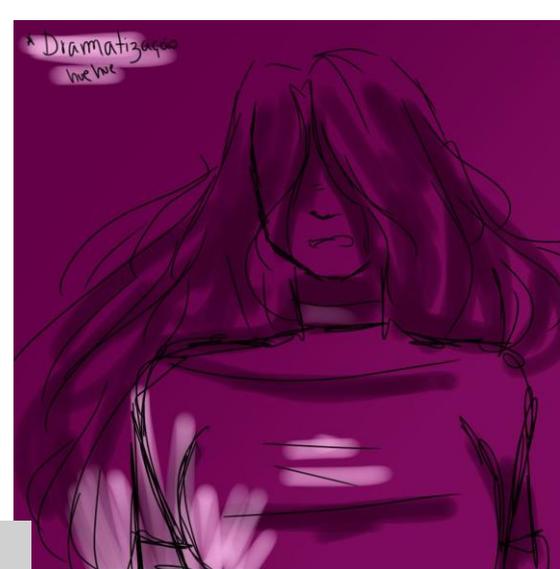
⁷ Espécie de *storyboard*, porém mais elaborado e apresentado em vídeo.

(página seguinte), realizada por uma estudante, na qual ela conta a história de uma de suas personagens, Valentina. Neste trabalho, ela buscou usar cores diferentes, para enfatizar como a personagem sentia-se em cada parte da história. Podemos relacionar este trabalho com o anterior, pela coincidência de aparecerem também aqui quadros cinzas. Importante ressaltar que uma característica das criações desta estudante é que ela sempre buscava valer-se de personagens femininas; às vezes, criando sequências narrativas, como neste caso.

A personagem, como se vê, arruma-se e tira uma *selfie*, e a posta; porém, recebe poucas curtidas e se sente extremamente frustrada. Como escreveu a estudante, “ela muda sua aparência, alisando os cabelos, se maquiando e colocando algo que mostra mais seu corpo”. A personagem imediatamente recebe mais curtidas, e no final recebe a mensagem de alguém, dizendo que sabia que a segunda *selfie* foi para ter mais curtidas, mas que gostava dela, não importando sua aparência.



Imagem 18: Desenho digital, 2018



Isso nos remete aos aspectos da satisfação e da insatisfação a respeito de si mesmo, em nosso mundo social informatizado. Jurandir Costa em *O vestígio e a aura* (2004, p. 151) escreve que a insatisfação é a decepção decorrente do distanciamento entre a satisfação esperada e a obtida. Enquanto a satisfação esperada é alimentada pela lembrança de experiências anteriores, em que se atingiu a coisa visada, assim também a satisfação é a realização plena das intenções, o prazer obtido nesse caminho.

Seguindo com o autor, talvez possa-se relacionar a insatisfação (ou a possibilidade de), com a dos esforços de muitas pessoas, em prol da aparência, o que contribuiria para a construção de uma certa hipersensibilidade em relação a “problemas” na imagem corporal. Muitas vezes, podemos nos sentir, de fato, melindrados diante de comentários sobre nossa aparência física (COSTA, 2004, p. 199). É o que aprendemos a ser. Nisso nos tornamos.

Neste contexto de exposições, afetos (como inveja e ciúme) tendem a ser redimensionados. O psicanalista Antonio Quinet (2004) caracteriza e diferencia esses “figuras subjetivas”. A inveja

seria da ordem de um tipo de afeto, em que o sujeito vê no outro uma espécie de completude, como se a ele não faltasse nada. O outro, considerado completo, teria um “objeto” desejado, que talvez pudesse vir a preencher o que falta ao invejoso. Já, no ciúme, o sujeito acreditaria ser possuidor do objeto que o completa, mas teme perdê-lo para o outro, que o olha com desejo e sentimento de falta.

Em contextos de hiperexposição de si, muitos olhares podem vir alimentados pela inveja e pela sensação de falta, diante das imagens que permeiam as redes virtuais; também pelo ciúme, por parte daqueles que se concebem como completos, temendo perder os holofotes sobre si. O desejo e o anseio por saber quem tem o quê, é potencializado pelo rápido acesso a quase tudo, por meio dos *smartphones*, que acabam tendo uma funcionalidade fundamental para esta estrutura, com forte apelo no visual, tanto na exposição quanto ao controle sobre o outro.

Imagem 19: Aquarela sobre papel, 30 x 42 cm, 2018.



Aqui, novamente, estudantes e suas produções ajudaram-me a pensar sobre essa modalidade de exposição. Numa aquarela, a estudante decidiu tratar da vida de blogueiras e de influenciadoras digitais – que, ela comentou, adorava acompanhar. Em seu texto, a estudante enfatiza não achar que a vida das blogueiras e influenciadoras “seja perfeita e nem que elas tentam parecer ter. Hoje em dia a maioria da(o)s *digital influencers* mostram a vida real.”

Neste apareceu o que viria a ser a vida real e o que não seria – no caso, uma vida de aparências. Bem como, aparentemente, a percepção de que não há dúvidas de que o que é representado na tela não é uma performance, não é uma personagem que tenta parecer ser “real”.

Talvez, mesmo que a estudante estivesse ciente de que há influenciadoras que mentem, ela continuaria a acreditar naquelas personagens como pessoas autênticas – e conseqüentemente fecharia a porta para qualquer dúvida. Isso talvez seja indício da força do que é falado e do que é recebido como “autêntico”.

Considero pertinente as ligações que aparecem entre os dois últimos trabalhos apresentados pelas duas estudantes, no que se refere às redes sociais, e outras criações, realizadas por elas anteriormente, relacionadas ao consumismo. A menina que fez a aquarela expôs o gosto que tinha pela maquiagem, ao relacionar com o consumismo ao mesmo tempo em que queria fazer a crítica.

Imagem 20: Maquiagem sobre imagem impressa, 21 x 29 cm (cada), 2018.



Voltamos ao debate sobre a máscara aqui, sob outras formas, articulado ao tema do consumo de objetos. Dependendo do caso (na brincadeira das crianças não parece haver esse “tom consumista”), talvez possamos estar diante de mais uma forma de jogar com a busca de uma imagem melhor de si mesmo, o que se relaciona diretamente com a exposição de si, às vezes por meio de objetos socialmente valorizados por um determinado grupo.

Trago o trabalho de outras duas estudantes, as quais afirmaram que, atualmente, muitos influenciadores aparecem como verdadeiros porta-vozes dos padrões vigentes: “estão sempre com o cabelo da moda, com a roupa e o sapato da moda”, assim como fazendo viagens e “mostrando apenas o lado lindo e feliz da vida”. Há de considerar que elas se referem a um tipo específico de influenciadores, considerando certamente que há outros, explicitamente contrários aos excessos de consumismo e de obsessão por uma imagem ideal.

Numa reflexão semelhante, outro grupo de meninas expôs o seguinte questionamento: “Por que deixamos a vida de alguém nos influenciar tanto?”. Elas apontaram que muitas pessoas acabam “sem questionar se isso é correto ou não, se a realidade dessas

peessoas condiz com o que é mostrado por elas.” O texto delas salientou (repetindo frases feitas de alguns educadores e psicólogos) a força dessas atitudes, justamente nos adolescentes, por estes estarem em um momento de transição. Mais uma vez, estamos diante da força dos discursos dominantes, que se multiplicam inclusive entre os mais jovens – como se não fosse possível fugir a eles. Isso torna ainda mais complexa a análise que fazemos: afinal, onde estaria “a” verdade (se existe) das manifestações de estudantes?

Assim, apesar de falarem dos “efeitos nocivos” dos ditos padrões sobre as minorias, as estudantes não especificam que efeitos seriam esses, como agem nelas próprias; também não apontam o que seriam as minorias a que se referem: diferenças em termos étnicos, de gênero, sexualidade ou classe socioeconômica. Da mesma forma, não chegaram a explicitar de que modo cada uma delas seria “influenciada”.

Elas escolheram fazer um trabalho que teria uma parte física e uma digital. Colocaram, em diferentes pontos da escola, símbolos de “coração” e de “curtir”. Quanto ao desdobramento na parte digital, se trataria de interações com pessoas, a partir de um

perfil falso, com frases de críticas e de apoio a quem se sente mal e “não se encaixa” em algum padrão. A parte da página virtual acabou por ser apagada no processo.



Entre os símbolos que elas colocaram pelo prédio, havia apenas ícones positivos. Apesar de a escola contar com diversos problemas estruturais, e ter abertura (pelo menos na aula) para esse tipo de manifestação crítica, as meninas não a fizeram. Pensei em duas possibilidades de leitura para essa ausência: primeiro, podemos pensar no fato de que elas, apesar de tudo, estavam na escola e sob suas regras e códigos; logo, o fantasma de que a crítica não seria bem-vinda (para além da sala de aula) provavelmente pesaria bastante. E, em segundo plano, isso teria a ver, possivelmente, com o receio de mostrarem características socialmente percebidas como “imperfeitas” e desvalorizadas, mas projetadas na estrutura escolar.

Na série de desenhos aquarelados a seguir, um estudante elaborou ilustrações sobre diferentes situações, que fazem parte do universo das redes: pessoas tirando *selfies* na busca por uma imagem ideal; o fato de às vezes as pessoas terem muitos seguidores (mesmo sem as conhecerem); assim como a substituição de uma rede social por outra.

Imagem 23: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.



Imagem 24: Lápis aquarelável,
29 x 21 cm, 2017.

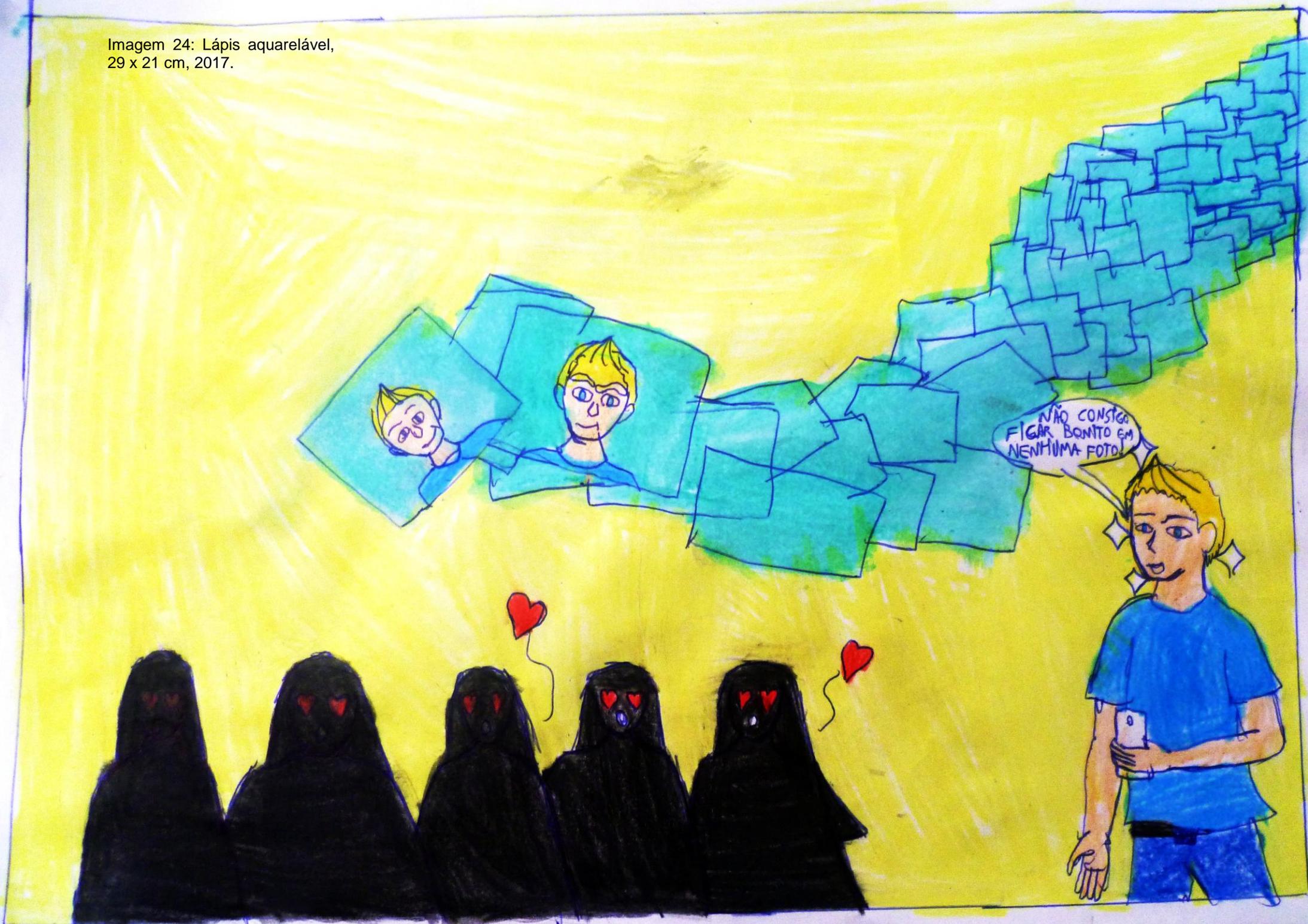


Imagem 25: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.

ESTE DESENHO SATIRIZA OS SEGUIDORES.
VOCÊ TEM MILHARES, MAS NEM OS
CONHECE!!!



Imagem 26: Lápis aquarelável, 29 x 21 cm, 2017.



O MUNDO ESTÁ DE LUTO...

ORKUT

O estudante que fez estes desenhos não tinha celular e não usava redes sociais, mas foi um dos que mais participaram e pensaram sobre o que estávamos abordando. Na primeira produção, temos um jovem em busca de uma “foto perfeita”, ele fez referência anteriormente a uma matéria que havia visto na televisão; este trabalho poderia ter relação com o segundo, no qual ele satirizou o grande número de seguidores que algumas pessoas têm, independente de conhecê-los ou não.

No terceiro trabalho, fez elaborações visuais sobre o *Facebook*, como um país virtual (altamente populoso), para o qual o personagem quer ir. Podemos pensar, a partir desse desenho, quantas mudanças ocorreram e ocorrem, numa grande velocidade, envolvendo a popularização de novas redes sociais digitais: afinal, (quase) ninguém quer ficar para trás (ou atrás dos holofotes possíveis). Poderíamos pensar aqui em um nomadismo virtual? (Mas talvez o mais comum seja uma ubiquidade no âmbito digital). O que dizer das redes que se tornaram obsoletas ou percebidas como antiquadas? Ficaram ou ficarão no esquecimento? Isso nos leva à quarta ilustração do menino.

4.1 Tangenciando a performance

Os trabalhos, falas e escritos apresentados, anteriormente, buscavam criticar um certo fingimento e encenação que muitas pessoas realizariam nas redes digitais. Mas o interessante foi que, aparentemente, muitas e muitos estudantes não relacionavam essa encenação no âmbito digital, para “aparentar ser diferente”, com as múltiplas estratégias performativas que realizamos cotidianamente, atravessadas pelas mais variadas intenções.

Para tangenciar este assunto aproximei-me das reflexões acerca das performances sociais⁹. Como aponta o professor e teórico da performance, o estadunidense Marvin Carlson, em *Performance, uma introdução crítica*, todos sabemos que em um ou mais momentos estamos fazendo um papel – as performances sociais. O fato de que nossas vidas são estruturadas por hábitos e comportamentos convencionados e reconhecidos socialmente levaria à constatação de que qualquer ação é uma performance; mas o autor explica que estamos *performando* quando pensamos

⁹ Não trabalharei aqui com a linguagem da arte performática/arte da performance surgida nos anos 1960, mas sim com a noção de performance utilizada pelo campo das ciências sociais relacionada às maneiras como as pessoas relacionam-se de forma pensada umas com as outras e com a estrutura social e nas quais vivem.

sobre nossos gestos e o que queremos com estes; ou seja, esta consciência é que confere a eles a qualidade da *performance*. (CARLSON, 2009, p. 15).

O professor e pesquisador Gilberto Icle (2010, p. 13), bem como Carlson, recuperam o pensamento ainda atual do diretor e dramaturgo russo Nicolas Evreinoff (1879-1953), de conceber a vida cotidiana como um caso de teatralidade também, pois estamos a quase todo momento encenando, transformando coisas ou a nós mesmos. Cada época teria seu próprio guarda-roupa, seus cenários e suas “máscaras”.

Penso que muitos estudantes mostraram dificuldades em associar todos esses aspectos, apesar de, durante as conversas em aula, alguns manifestaram que entendiam quando eu colocava a questão. Para eles, parecia mais fácil relacionar a de encenação no meio digital, do que em outros espaços, ditos reais”; haveria para eles uma dificuldade de exercerem um distanciamento em relação à vida cotidiana, para perceberem que ela também é encenação. Quando não há pessoas observando (fisicamente próximas), é menos complicado “encenar”. Já na presença de

outra pessoa, a performance pode ficar mais precária e insegura, sujeita a falhas e brechas de representação.

Carlson (2009, p. 49) relembra a definição de performance do sociólogo Erwin Goffman, que estudou (nos Estados Unidos, década de 1950), as interações sociais cotidianas face a face, mesmo que não verbalizadas, como sendo a atividade do indivíduo por um determinado tempo e lugar, diante de observadores. A concepção de performance do etnolinguista Richard Bauman também é referida por Carlson, como sendo uma ação que envolve “consciência de duplicidade”, em que a execução da performance é colocada em comparação com um modelo mental, potencial, ideal ou lembrado. Essa comparação geralmente é feita por quem observa a performance. Mas a dupla consciência do “autor” seria o mais importante na opinião dele, e não a ação dos observadores externos. A pessoa que está *performando*, ao ser consciente de sua ação, compara-a a um modelo mental. E, como “performance é sempre performance para alguém”, este alguém pode ser uma pessoa, a plateia, e às vezes até o *self* (CARLSON, 2009, p. 16).

Relaciono este traço com o que Jurandir Costa (2004, p.197) fala sobre o fato de precisarmos do reconhecimento do outro para estarmos seguros do valor de nossos ideais de eu. Isso poderia levar a desprezarmos um outro próximo como alguém que nos avalia (por não o reconhecermos como alguém diferenciado e capaz) e idealizarmos os que nos são distantes, desconhecidos, virtuais – os quais possivelmente nem sabem de nossa existência.

Acreditando que há, sim, “um outro invisível” nos admirando, nos reconhecendo, sendo influenciado por nosso gesto, coloco uma pergunta (talvez sem resposta): quantos outros distantes, virtuais e invisíveis imaginamos nos olhando? Apesar de tamanhas incertezas, quantos de nós apostam ser alvos da admiração de um outro imaginado ou imaginário, em uma postagem, por exemplo? E poderia isso ser o suficiente, apesar dos resultados, para continuar postando e desejando esses “outros” como admiradores? Acredito que pensar sobre adolescência e juventude hoje, passa por essa pergunta.

A busca por uma acumulação de *likes* proporcionalmente desejável ao que é exibido é um fator que atrai e motiva muitas pessoas a postarem seus registros. Isso desencadeia certamente

uma série de outros problemas, como a troca de favores entre elas: “uma curtida por uma curtida”. Sibilia (2016, p. 43) comenta que, para estimular a competitividade virtual, em busca de sucesso, há desde a criação de contas falsas até a compra de *likes* em *sites*. Nesse espaço, agradar e ser agradado é fundamental, já que com *likes* estabelecemos comunicações e conexões muito mais rápidas do que com *dislikes* (HAN, 2017b, p. 24), colaborando assim para o atestado de qualidade do que foi exposto na rede.

Relaciono essa característica das curtidas nas imagens, ao que Quinet (2004) chama de “o poder da imagem”: a sensação de captação e fascinação leva o espectador a identificar-se com o que está olhando. O autor traz o exemplo de um torcedor que acredita ser também um vencedor de alguma forma, quando seu time está ganhando. Assim, ao curtir uma imagem, uma pessoa pode acreditar que aquilo reverberará nela também, já que, ao identificar-se com a imagem

Imagem 28: Isopor, caixa de papel e tigela, 40 x 30 x 20 cm aproximadamente, 2017.



“postada”, estará próxima também do “sucesso” que aquela obteve.

A escultura realizada (página anterior) por outro estudante sintetiza bem as noções que perpassam muitas das produções anteriores: a busca por agradar, obter *likes*, diária e regularmente – tal como uma razão para o ego. Mesmo que tenha que mentir sobre si mesmo, o estudante afirma que, com isso, as pessoas também acabam por não se importar com a “realidade”.

5. A CRÍTICA AOS EXCESSOS (OU A INTENÇÃO DE QUERER ESTAR DO LADO “CERTO”?)

Um homem, aparentemente contente, fotografa o prato no restaurante, enquanto a mulher parece irritada, reclamando. Nessa charge, o estudante questiona o hábito que, segundo a turma, fazia parte da vida de alguns amigos ou familiares – o de fotografar uma refeição. Muitos manifestaram-se críticos, incomodados com essa prática, hoje tão comum em alguns contextos.

O autor da charge escreveu: “O vício em redes sociais está ficando cada vez mais frequente, pois a tecnologia não para de evoluir e com isso as pessoas acabam gastando a maioria do seu tempo nas redes”. O interessante é que ele apontou no texto que se considerava alguém que ficava muito tempo nas redes, o que acabava por fazê-lo inclusive esquecer-se de fazer alguns trabalhos. Apesar da crítica que soube elaborar, ele não se percebia diferente do exagero

Imagem 29: Lápis colorido sobre papel, 29 x 40 cm, 2018.



percebido e transformado em imagem.

Em outra criação, uma pintura no chão por um grupo de meninos, eles revelaram uma insatisfação quanto ao que presenciavam nas redes sociais; no caso, chamar a atenção em demasia. Segundo eles, esse hábito poderia levar as pessoas a serem percebidas de maneiras diferentes por quem fez a postagem – dependendo se curtiram ou ignoraram. A indagação que ficou em suspenso foi: eles não queriam, muitas vezes, também chamar a atenção? Será que não estavam assumindo apenas a posição de quem julga? Acredito que poderíamos especular aqui sobre outra tentativa de alinhar-se com uma fala (escolar e midiática)? Que julga e concebe como errados tais comportamentos. Criticar, então, seria “estar do lado correto” (no caso, ao lado dos discursos da escola e dos professores).

Os gestos e práticas simples e cotidianas apresentados nos trabalhos a seguir (mesmo que alguns beirem um possível exagero), no conjunto, os

Imagem 30: Pintura no chão,
1,5 x 1,1 m, 2017.



estudantes procuraram trabalhar o que consideravam um vício, uma prisão, quanto ao uso do celular e suas redes.

Pensando em maneiras de simbolizar o que consideravam um vício pelas redes e o celular, duas estudantes imaginaram duas mãos presas, mas conversando, chegaram então à possibilidades de usar seringas (página seguinte) representando as redes. Nessa representação, temos a associação direta com as drogas, e novamente a de algo que deve ser usado ou injetado com regularidade, de acordo com as nossas “necessidades”. Não se trata de que elas não poderiam ter pensado sobre esse possível vício, mas o “problema” é o desencontro entre as próprias práticas cotidianas dessas mesmas estudantes, com as mídias e o celular, e a manifestação de um julgamento moral, apontando o que seria “correto” e saudável e o que seria “errado”.

Dialogo novamente com Zygmund Bauman (2011), que relacionou as crises de abstinência de jovens usuários de drogas com a angústia de jovens que precisam ser desconectados, seja pela ação de familiares responsáveis ou pela escola. A imagem escolhida pelas meninas certamente habita muitos imaginários, seja de jovens ou adultos.

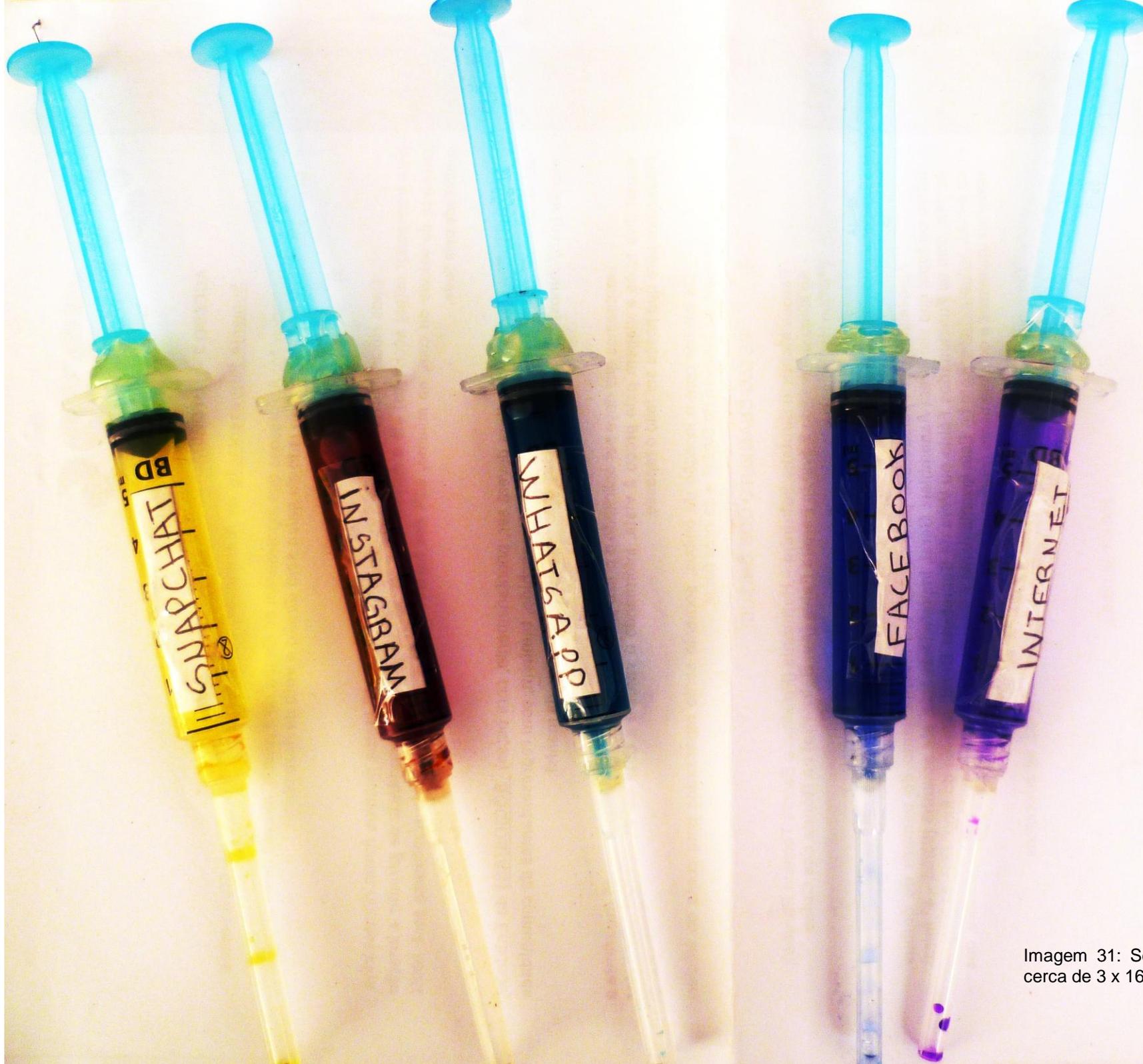


Imagem 31: Seringas e corante, cerca de 3 x 16 x 3 cm, 2017.

Buscando associação com o consumo, um grupo, de duas meninas e dois meninos, que durante uma parte do ano trabalhou numa escultura do *Pac-man*, para abordar o consumismo, reutilizou a escultura para fazer uma fotonovela surreal, em que o *Pac-man* saía do celular e começava a devorar a menina, depois salva pelos amigos. Ao escrever sobre sua criação, comentaram que tudo se dava como se a pessoa acabasse por ser consumida pela “coisa”, deixando assim de lado as pessoas e a “vida real”. No centro, do consumir e ser consumido pela “coisa”.



Imagem 32: Fotonovela, 2018.

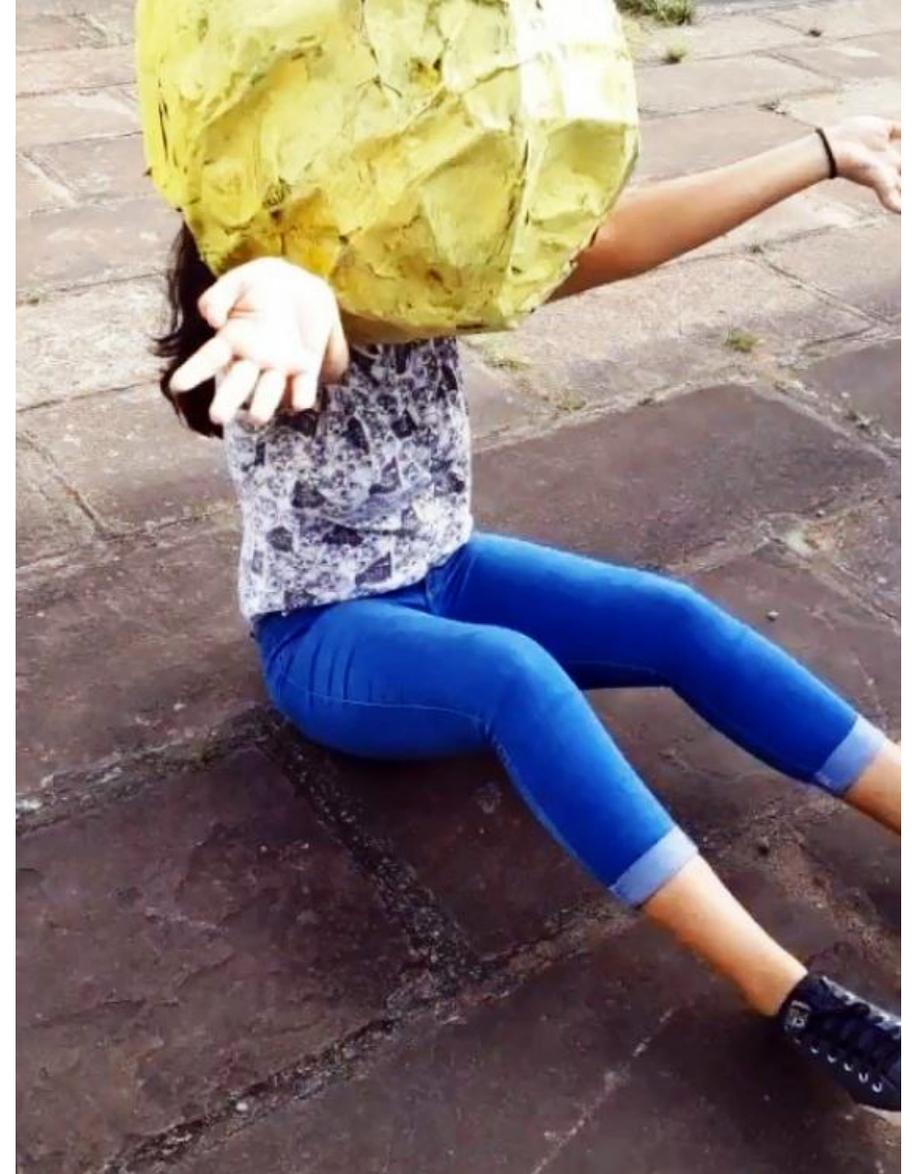


Imagem 33: Fotonovela, 2018.

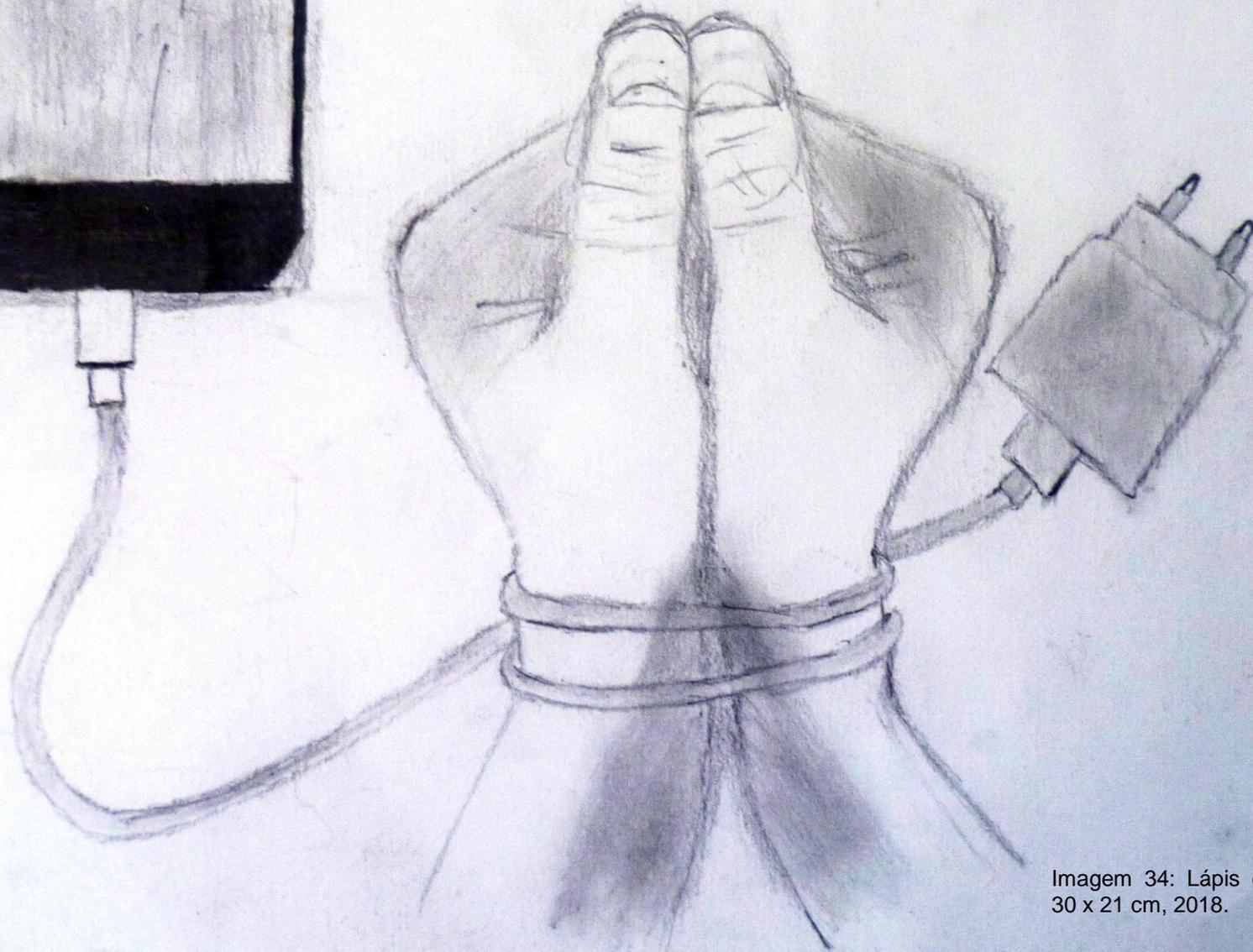
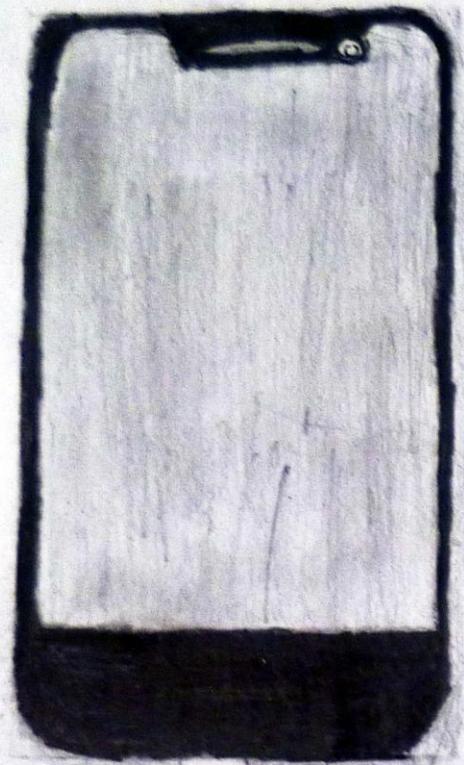


Imagem 34: Lápis grafite sobre papel, 30 x 21 cm, 2018.

Imagem 35: Registro pessoal, lápis grafite sobre papel, 15 x 21 cm, 2018.

No desenho na página anterior, aparece a “amarra” ao celular. Essa imagem circulava bastante entre as turmas, geralmente pensada como uma das primeiras imagens, na hora de planejar os trabalhos. Mesmo que eu tentasse provocar a busca de outra possibilidade, com o cuidado para não impor uma , ou invalidar o que propunham.

Mais uma vez, para mim, o questionamento sobre a criação: os estudantes “subjetivados” pelo desejo do professor ou da autoridade adulta?

Em outro trabalho, um trio de meninas queria fazer uma escultura para pensar sobre a relação das pessoas com as redes. Após um tempo de conversa, uma delas sugeriu usar gaiolas que um familiar tinha em casa; a outra achou melhor construir a própria gaiola com arame, tendo no interior uma pequena figura humana feita de papel e arame. Infelizmente não consegui fotografar o objeto pois, ao deixarmos secando na sala delas por um dia, a peça acabou sumindo.

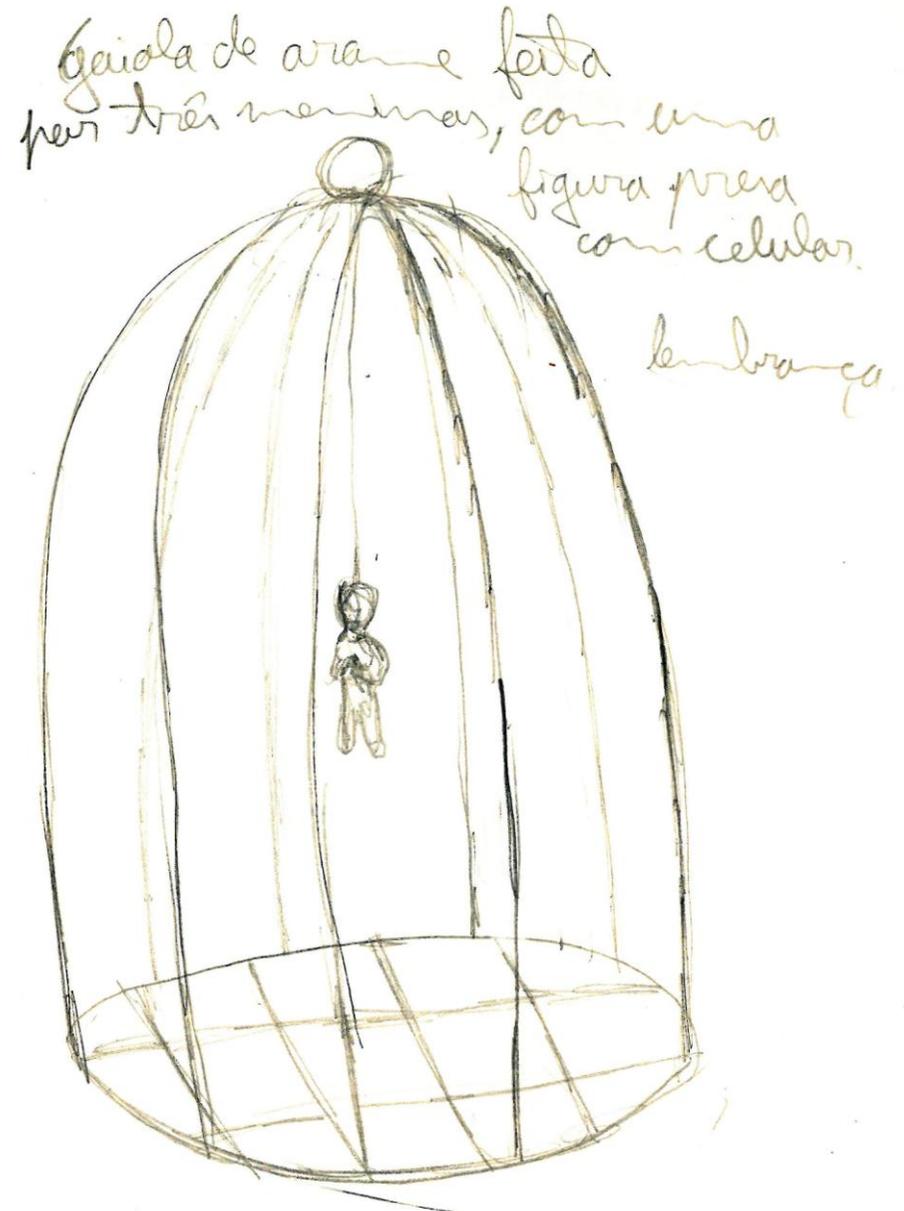


Imagem 36: Gesso, cerca de 20 x 25 x 25 cm, 2018.

No texto, as meninas relataram que conheciam uma pessoa “(...) que passa 24h no computador, jogando LOL¹⁰, ele almoça, janta, tudo na frente do PC. Uma criança de 5 anos que chega da creche até a hora de dormir, e isso tá fazendo mal pros olhinhos dela.” Elas também achavam que as pessoas deixavam (e ou deixarão) de falar pessoalmente, “olho no olho”, para ficar no celular. Muitos, segundo elas, acham o mundo da *internet* “perfeito”: nele, seguimos apenas as pessoas que gostamos; enquanto, na vida, “às vezes temos que conviver com quem não gostamos”. Esse trecho, de outra forma, traz novamente a oposição entre “vida real” e “vida virtual”.

Voltamos, neste capítulo, à escultura do estudante (comentado no capítulo 1) que

¹⁰ *League of Legends*, jogo eletrônico do gênero multiplayer online lançado em 2009.



criticava o hábito de as pessoas filmarem tudo, embora ele mesmo estivesse quase sempre segurando o celular. Poderíamos pensar numa possível extensão do corpo, num objeto de desejo e num sujeito, unidos, permanentemente, no gesso? E que imaginário tal peça abriga? Perguntas sem respostas, provavelmente...

Talvez aqui caiba mais uma indagação, referente à dubiedade das manifestações dos estudantes na escola, quando interpelados a falar de si e de suas percepções do mundo – não só quanto ao uso das tecnologias e redes digitais. Parece que meninos e meninas são subjetivados por discursos dominantes (como o que se refere à crítica às mídias e ao tempo imenso destinado a elas no cotidiano) e os replicam, quando convocados a expor-se. Essa ambiguidade ou até contradição aparece mais como, talvez, necessidade de afirmar-se crítico diante dos adultos, do professor – sem que isso modifique a prática constante de navegar nas redes sociais.

Associo esse possível comportamento (aparentemente contraditório?), de viver o exagero, mas de criticá-lo, com as construções narrativas sobre nós mesmos realizadas no espaço escolar, em que somos autor, narrador e personagem principal,

tratadas por Jorge Larrosa (1994). Ao falar acerca de nós mesmos, estamos em relação com outras histórias que nos afetam, e que de uma certa maneira falam sobre nós. Assim, nossas concepções estariam entrelaçadas a todos esses discursos. Essas “histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas” (LARROSA, 1994, p. 48).

Refiro-me aqui, aos discursos que circulam nas escolas, nos espaços de sala de aula, nas múltiplas narrativas midiáticas e até familiares, em que se afirma, repetidamente, o quanto, principalmente os jovens, ficam *online*, tornado-se pessoas dependentes e passivas.

5.1. A falta de diálogo e a solidão

A dicotomia entre vida real e vida virtual, como dito inicialmente, foi um dos aspectos principais que permeou muitas narrativas em sala. Mas caberia a pergunta: por que permanecer tão conectado, se sabendo que isso, de alguma forma, poderia nos afastar do que se consideraria a realidade? Mesmo se por vezes

criticamos essa prática e até a consideramos desfavorável a nós próprios. Ou se trata de uma fala em que muitos de nós nem acreditamos? Por que, então, “precisamos” replicá-la?

Houve conversas que tivemos em turma, nas quais alguns estudantes manifestaram preocupação com parentes próximos, ainda crianças, que estariam usando em demasia a *internet* – na percepção deles. Lembram da sua infância e dizem que, naquela idade, não se percebiam tão dependentes assim. Essa autopercepção me parece relevante, já que assim os jovens se distanciam de si mesmos no presente e se colocam no lugar do outro – o outro podendo ser eles mesmos, num momento anterior, que eles dizem ter sido “melhor”, ou pelo menos com práticas mais “saudáveis”, na relação com a *internet*.

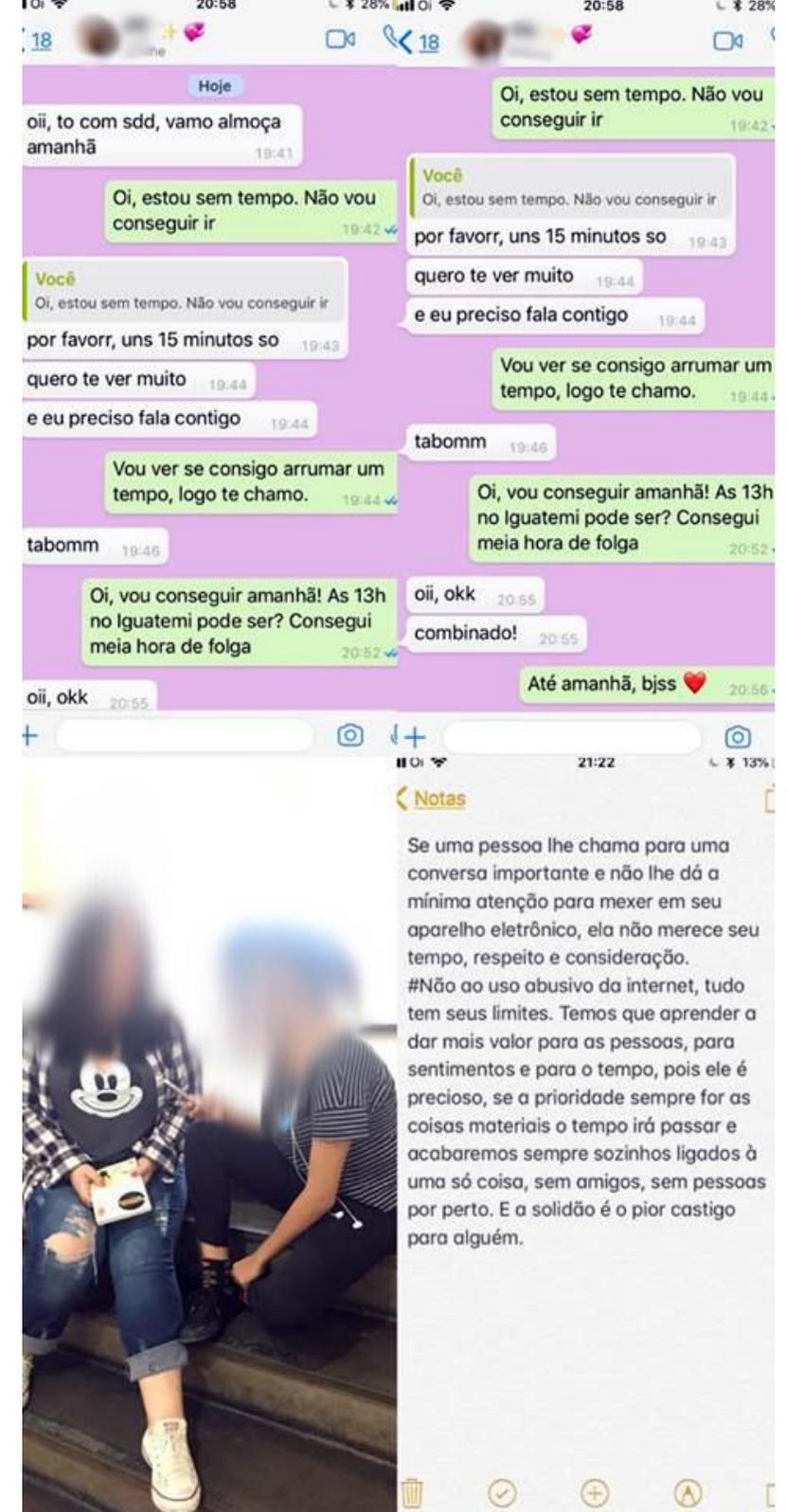
Podemos perceber isso nos trabalhos a seguir, em que se destaca uma preocupação aparente com a falta ou o pouco valor dado à conversa presencial, ao dito “olho no olho”. Talvez muitos desses estudantes se incomodem com essa constatação. Porém, contraditoriamente ou não, dizem preferir digitar a falar pelo celular. Provavelmente, pela possibilidade de editar e manipular

Imagem 37: Montagem, 2018.

mais facilmente o diálogo e seu tempo, assim como acontece com perfis e postagens.

Seria esta percepção mais uma sedimentada ao longo do tempo? Já tínhamos, com Debord em *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, uma afirmação pessimista sobre a conversação, de que esta já estaria quase em extinção; em pouco tempo, afirmava, os que saberiam falar estariam “mortos” (1997, p. 189). Claro que visões deste tipo seguem vivas e alimentando discursos de diferentes ordens, sobre a condição do diálogo e da comunicação interpessoal em nossos dias.

Vejamos em dois trabalhos: no primeiro, em uma montagem de fotografias intercaladas por diálogos fictícios, a menina comentou que o uso constante do celular colaboraria para o afastamento entre pessoas. Ela escreveu: “temos que aprender a dar mais valor para as pessoas, para o sentimento e para o tempo.” A consequência de não fazer isso seria acabar sozinho, ligado apenas a uma “coisa” (nas palavras dela); e, pior, com o risco de esse comportamento ser considerado normal pelas pessoas, o que para ela já estaria acontecendo. Bauman (2011) escreveu que, com as redes, tornou-se possível fazer contato, sem



iniciar uma conversa perigosa e indesejável, sem quaisquer exigências, e com a possibilidade também de encerrá-la quando quiséssemos.

É interessante a atenção ao tempo por parte da jovem – a única que tratou disso. Se pensarmos o tempo como um luxo, numa época em que predomina a pressa, o que ela nos lembra mostra-se fortemente necessário. Mas temos que fazer uma ressalva: ao mesmo tempo que as mídias e redes sociais possam por vezes nos afastar, simultaneamente aproximam uns aos outros, em meio à correria cotidiana, mesmo que minimamente.

FAKE NEWS

- Isso é tão importante?



"Há fortes rumores que existe vida fora das redes sociais, vale a pena conferir!"
- Gilberto Bezelli



REDES SOCIAIS

Como isso nos afeta?



BLA BLA BLA

"As redes sociais nos aproximam de quem está longe e afastam de quem está perto."



VOÇÊ DEPENDE DE LIKES?

"Só depois que a tecnologia inventou o telefone, o rádio, a televisão, a internet, eu que se descobriu que o problema de comunicação mas sério era o de perno."
- Milú Ferrnandes



"Há muita gente falando o que pensa na internet e pouca gente pensando sobre o que fala."



Por que fingir ser quem não é?



BLA BLA BLA



NINGUÉM É FELIZ SEMPRE!

Como seria sua vida sem internet?



BLA BLA BLA

A internet está afetando sua relação com quem?



"Use a internet ao seu favor..."
- Isso te faz menos importante?"

Você realmente precisa postar tudo que faz? Isso te beneficia de alguma forma?



BLA BLA BLA

DISLIKE

Imagem 38: Lápis colorido e impressões sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.

No desenho na página anterior, outra estudante trabalhou múltiplas situações cotidianas envolvendo o uso de redes sociais e celulares; e escreveu: mesmo que estes “nos aproximam de quem está longe, acabam nos afastando de quem está perto”. Ela igualmente critica o fato de hoje muitas crianças pequenas passarem muito tempo no celular, sem brincar na rua, “como acontecia antes”. Mais uma vez, novas indagações e questionamentos: que “antes” é esse? A estudante defende “que tudo tem um limite e que devemos ter consciência do quanto isso nos afeta.” Devido a isso, ela nos diz, estaríamos diante de um artifício perigoso: “o mundo todo, sem exceções, está propenso a cair nessa armadilha se não tiver cuidado.” Aqui, “cair”, teria a ver com o tempo prolongado que muitos de nós passamos nas redes? Teria a ver com as várias mudanças em nossos hábitos cotidianos?

Retornamos outra vez à questão do distanciamento e da solidão: nos trabalhos e textos aqui mencionados apareceu uma percepção de que, “antes”, as crianças brincavam mais na rua; permanece um certo raciocínio idealizado, mas sem levar em conta a insegurança e os medos que permeiam a sociedade atualmente,

no que se refere ao espaço da rua, nas nossas cidades, que faz com que muitas famílias não deixem crianças pequenas brincarem na rua.

Quanto ao distanciamento, novamente Guy Debord, faz uma reflexão ao que se referiu à produção do isolamento. Ele argumentou que, do automóvel à televisão, todos esses bens seriam ferramentas para a constante manutenção do isolamento, colaborando para a formação das “multidões solitárias”. Em sua crítica, Debord apontou que o “espetáculo reúne o separado, mas o reúne *como separado*” (1997, p. 23). Tal funcionamento estrutural envolveria tanto locais de trabalho como espaços de lazer, passando pelos condomínios residenciais; ou seja, acabamos sendo levados, em diferentes situações de espaço e tempo, a ficarmos isolados. Tal situação é povoada pelas imagens de narrativas dominantes, que se alimentariam justamente do distanciamento entre as pessoas, enfraquecidas em seus vínculos sociais. (DEBORD, 1997, p. 114).

Bauman (2011) escreveu que, devido à imprevisibilidade de nossa época, ficar sozinho se tornou algo incômodo, mas as ferramentas eletrônicas e digitais não seriam as responsáveis por

isso; elas apenas aguçaram uma necessidade já existente. Para ele, a promessa que acompanhava o lançamento do *walkman* era a de que as pessoas não ficariam mais sozinhas. Estas, que cada vez menos podiam desfrutar de companhias de outras pessoas, teriam o som ininterrupto para tentar ocupar o vazio deixado. Com o advento das redes digitais e suas imagens, tal vazio teria sido mascarado de forma mais eficiente acredito. Diante disso, podemos perguntar: estaríamos vivendo, muitos de nós, a dependência de ruídos e fragmentos visuais e audiovisuais, para ocupar o vazio cotidiano de nossos dias? Advertindo que, ao buscar fugir da solidão, Bauman nos diz que acabamos por perder a chamada *solitude*, essa condição em que uma pessoa, por estar só, pode parar, ponderar, refletir e criar.

Ainda sobre a solidão, em *No enxame*, Han (2016a, p. 26) considera que a solidão vivida por nós hoje seria decorrente de um declínio do comum e do comunitário. A privatização do público, em diferentes aspectos da sociedade, participaria de tal queda, colaborando no sentido da separação entre as pessoas.

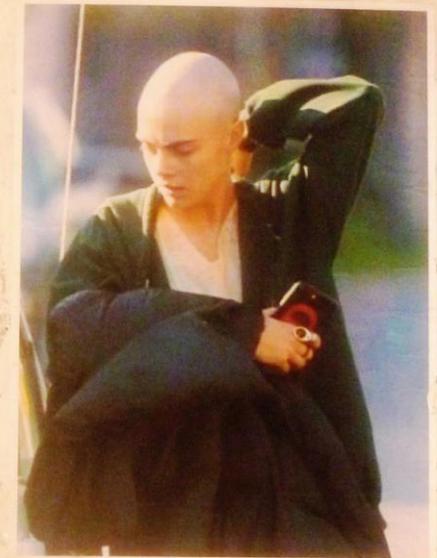
6. A AINDA DIFÍCIL RELAÇÃO COM O OUTRO

As redes sociais digitais transformaram radicalmente nossa relação com o outro. Mas qual a grande dificuldade de estar com o outro? Neste capítulo, apoiamo-nos em Han (2017c) que, em *Agonia do Eros*, chama a atenção para a erosão do Outro, em múltiplos aspectos da vida contemporânea. Para ele, a relação com a narcisificação do si-mesmo avança de maneira sutil entre nós. Num contexto no qual consumimos objetos e atitudes tão semelhantes entre si, mas que ao mesmo tempo cultiva uma cultura da comparação constante (não para se diferenciar, mas para ser *o mesmo*), a experiência com o outro tende a fragilizar-se, já que esta necessita de um distanciamento, de uma exterioridade em relação ao si-mesmo e ao que se toma como conhecido.

Para exemplificar, trago o trabalho de duas estudantes, tratando de algo incomum, do estranho: o primeiro, um lambe¹¹ feito em uma porta descartada, com uma imagem impressa; nele, elas se referiam aos julgamentos da aparência nas redes sociais. E escolheram a imagem de uma modelo e atriz que uma delas seguia no *Instagram*; esta apareceu com o cabelo raspado em uma

¹¹ Forma de linguagem visual urbana que consiste em colar cartazes impressos ou artesanais com conteúdo artístico, político ou publicitário pela cidade.

Imagem 39: intervenção com lambe em porta, 2017.



Quem é você? :
Como ESTAMOS
definindo A beleza?
O quem nós vemos

postagem. Alguns meninos, quando viam a imagem, falavam ou perguntavam se era um homem ou uma mulher com câncer; ou seja, a possibilidade de ser uma mulher com cabelo raspado era bem remota para eles, se é que existia. Esse “nível” de diferença não habitava seu mundo imagético.

O autor problematiza as diferenças entre *alteridade* e *valorização das diferenças consumíveis* (HAN, 2017c). Enquanto a primeira abriga uma negatividade, uma zona de desconhecimento e estranhamento (e, com isso, uma série de riscos), a segunda é repleta de positividade, já que é sempre exposta e comparada, passível de tornar-se, neste contexto, algo consumível. Diante disso, o sujeito narcísico investe sua energia na própria subjetividade, projetando a si mesmo no mundo que o rodeia, borrando e apagando os limites com *o fora*, e conseqüentemente tendo dificuldade de reconhecer o outro, a diferença: parece que encontra sentido apenas onde vê a si mesmo.

No uso das redes dos meios digitais, segundo Han, as pessoas tentam aproximar-se do outro ao máximo, eliminando em relação a elas qualquer distância. Mas não se trata de uma aproximação ao diferente, e sim de estar com um outro quase inteiramente semelhante “a mim”.

Acerca dos outros, o professor Carlos Skliar (2014, p. 148) em *Desobedecer a linguagem*, nos lembra que conversamos pouco com os outros e sobre outras coisas, e com isso muitos de nós tendemos a conversar com as mesmas pessoas e sobre coisas semelhantes. Ele cogita, de forma um pouco pessimista, que talvez a escuta não seja algo deste tempo, e aqui retorna o aspecto do tempo acelerado que nos acompanha. Escutar, nas palavras do autor, “é sair de si”, “atender” (SKLIAR, 2014, p.149-150). Quantas pessoas podem fazer ou fazem isso hoje?

Resistir a esse outro-igual, portanto, é difícil. Há, de fato, uma baixa resistência ao igual (HAN, 2017b, p. 91). A quase eliminação da distância, pelos mecanismos de transparência em relação ao outro, nos afasta da proximidade desafiadora – a qual abriga uma negatividade necessária, um estranhamento, uma certa zona de nebulosidade, em relação ao outro. A proximidade de que estamos falando implica uma *tensão* frente ao que não se conhece. Nisso residiria a força da negatividade: em valorizar o contrário e o espaço distante. Em suma, em relacionar-se com o diferente (HAN, 2017a, p. 37; 2017c, p. 28).

Ao falar sobre “relações de alteridade”, Skliar (2014, p. 192-193) afirma que estas nada têm em comum com as relações que

envolvem calma, harmonia, tranquilidade, relações não conflitivas. E nisso residiria um “problema”. Como decorrência, alguém que tenha suas convicções perturbadas, poderia ver a outra pessoa como origem de problemas que nos afetam ou que podem vir a surgir. E o melhor para isso seria a exclusão deste que carrega o risco. Han, em *A salvação do belo* (2016b, p. 37), salienta a presença da dor que o *totalmente diferente* anuncia poder causar, por ser capaz de arrancar o sujeito de sua interioridade.



COMENTÁRIOS MALDOSOS
DO FACEBOOK

IMAGEM PIXELADA
PARA NÃO MOSTRAR
UM SINAL DE FÉ

Imagem 40: Lápis aquarelável,
29 x 21 cm, 2017.

Skliar nos provoca, argumentando que esperamos que o outro adentre nosso mundo, “despojado de sua alteridade”, talvez apenas com a diferença que nós possamos administrar, encaixar em algum lugar, tornando assim esse outro um *bom outro*. Em sua 9ª carta, Bauman (2011) disse que as redes de comunicações, no caso, as redes digitais, possuem aspectos que caracterizam um espaço público, mas seus assuntos são gerenciados pelas pessoas que a criaram e administram; logo, incômodos (sejam eles temas ou pessoas) podem ser facilmente removidos e silenciados, algo que um espaço público de discussão não permite, ao menos não com tamanha comodidade.

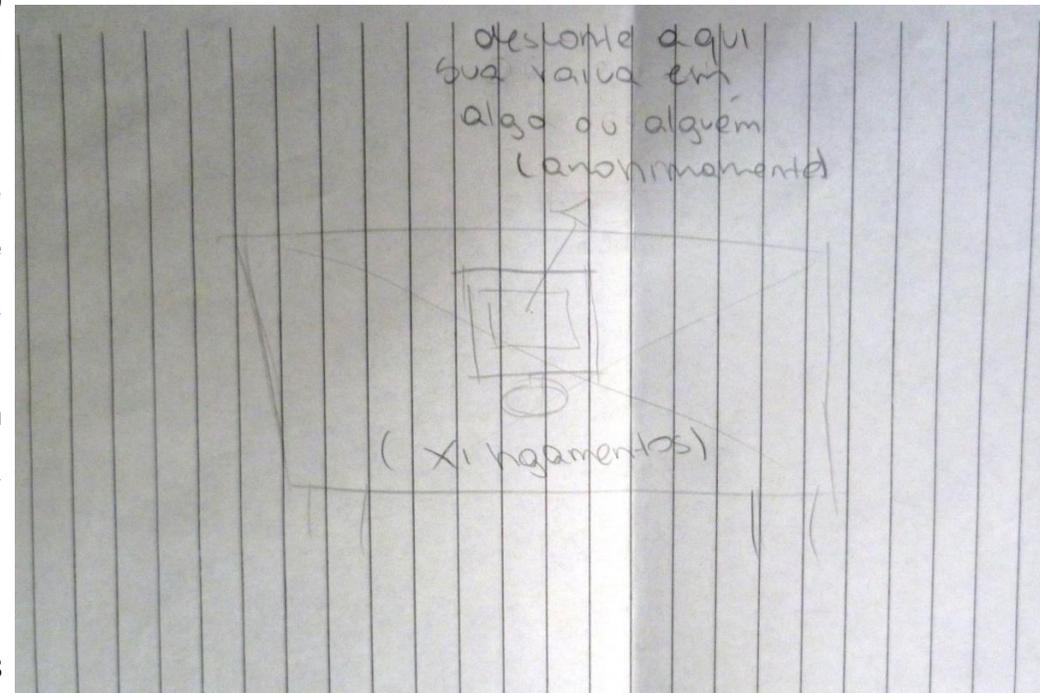
Ao escolher falar das nossas difíceis convivências hoje, o mesmo estudante que fez os desenhos aquarelados, mostrados inicialmente, fez um (na página anterior) tratando dos comportamentos agressivos que permeiam as redes sociais – uma maneira de proceder estimulada, facilitada pelo anonimato ou pela distância entre a pessoa que agride e a pessoa-alvo. Este aspecto do anonimato e da agressividade foi uma característica que permeou alguns trabalhos.

Trago aqui o projeto de um grupo de meninas que, ao escolher trabalhar com o *cyberbullying*, se propôs a montar no

saguão da escola uma área em que estudantes, anonimamente, escreveriam “xingamentos”; para tanto, elas revestiram de papel *kraft* uma mesa de cerca de 2,5 x 1,7m, colocaram um monitor de computador no centro e dispuseram algumas canetas presas à mesa, junto com uma instrução, que basicamente solicitava que se deixasse ali um “xingamento”. (Lembro de ter falado para elas sobre o quão vago era a instrução, mas mesmo assim elas não desistiram). Na segunda etapa da proposta, elas tentariam conversar com algumas pessoas, para saber se elas conseguiriam falar o que tinham escrito, diante da própria pessoa-alvo, o quanto ou de que maneira, já que o principal assunto sobre o qual falariam era a incapacidade de falar ou ofender pessoalmente.

Infelizmente o trabalho durou menos de um dia, houve estudantes que escreverem de tudo e ofenderam professores e direção, o que fez com que retirassem o trabalho (eu não estava na escola no dia seguinte, assim não pude fotografar os escritos, tendo apenas o registro do rascunho ao lado). As jovens ficaram decepcionadas com o acontecido, considerando que a proposta não havia funcionado; mas, conversando com elas, expliquei que, apesar dos efeitos negativos, e de acontecerem alguns exageros,

Imagem 41: Esboço de projeto, 2017.



a experiência foi bem sucedida. O que a proposta delas desencadeou era exatamente o que buscavam: as pessoas só escreveram ofensas, por exemplo, porque partiram do lugar do anonimato; e, muito provavelmente, não se expressariam daquela forma face a face.

O trabalho ao lado, feito por um grupo de meninos, buscou tratar do anonimato que os perfis falsos proporcionam e a decorrente segurança para ofender alguém, assim como a dificuldade para punir os ofensores. Eles fizeram máscaras de gesso e colocaram-nas dispostas ao redor de um monitor. (A meu ver, eles estavam tratando aqui da possibilidade de assumir múltiplas identidades no âmbito virtual).

Estes trabalhos remeteram-me à questão do respeito levantada por Han (2016a, p. 14), sobre como a *mediatização digital* estaria lesando essa necessária atitude ética. O respeito estaria ligado ao *nome*; dessa forma, o anonimato e o respeito se excluíam reciprocamente. O rosto em gesso de olhos fechados poderia ser a metáfora de não ver e nem conhecer a outra pessoa, podendo

Imagem 42: Gesso e monitor, dimensões diversas, 2018.



ofendê-la sem problemas. Han usa o termo *shitstorms* (tempestades de merda) para referir-se a estas práticas violentas na rede, concebendo-as como um fenômeno da comunicação digital.

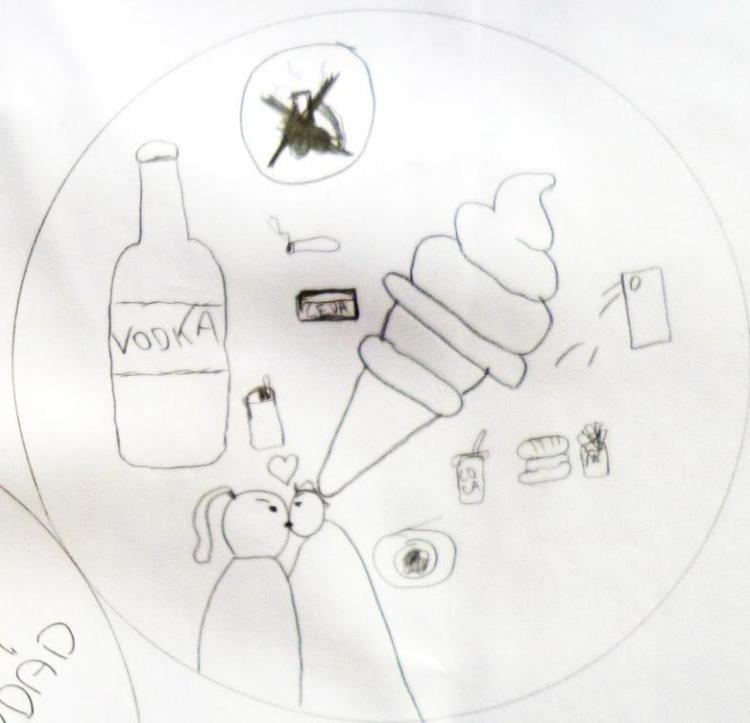
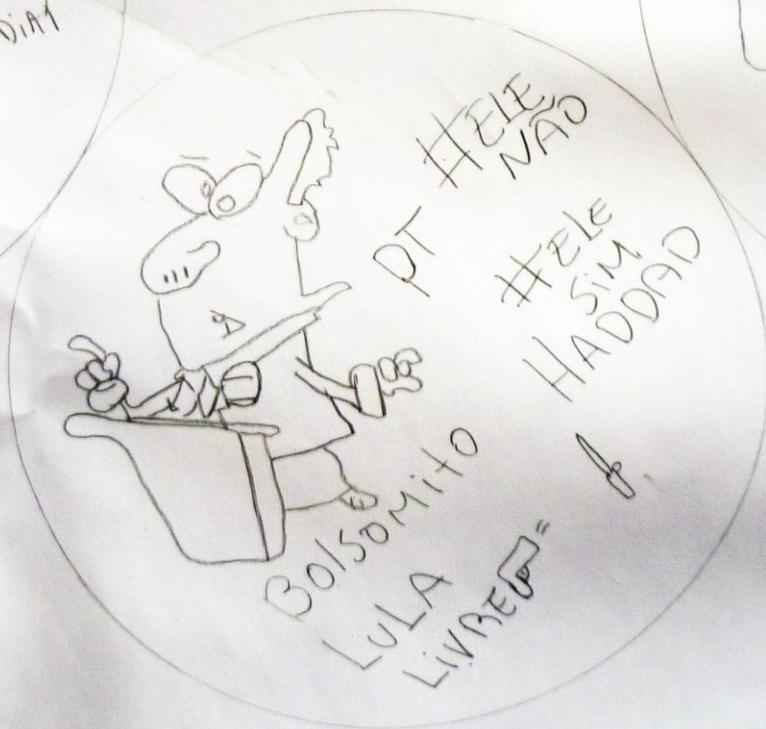
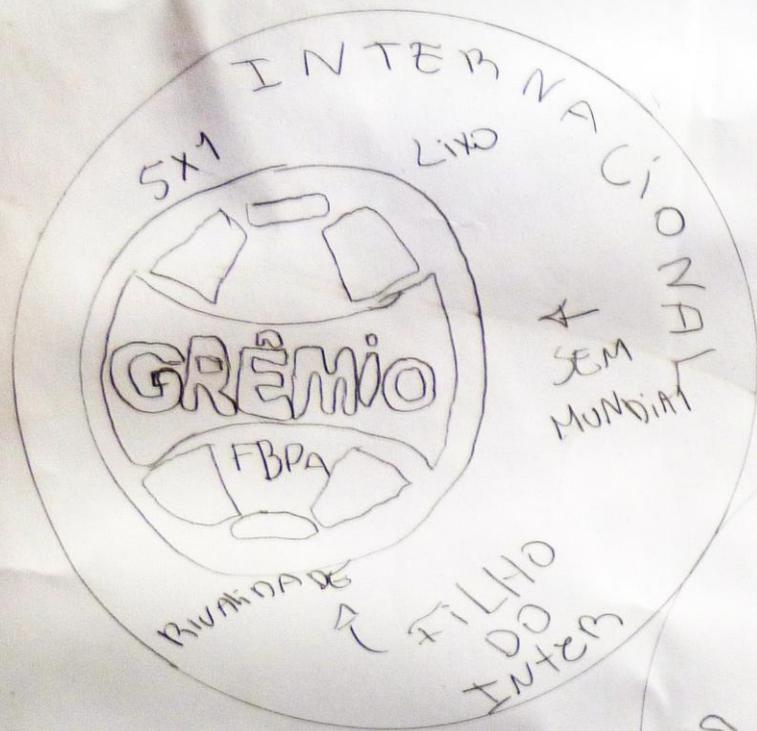
Imagem 43: Gesso, dimensões
diversas, 2018.



O autor também levanta a possibilidade de esse comportamento estar ligado à temporalidade da escrita digital, em contraposição à da escrita analógica. Enquanto a escrita analógica seria mais lenta, permitindo que a excitação imediata diminuísse, na comunicação digital, os afetos seriam transmitidos e publicados rapidamente, sem o filtro do tempo ou leitores prévios.

Podemos perceber alguns aspectos dessa crise na cultura do respeito e do diálogo como um fato que caracteriza esses primeiros anos do século XXI. Mas acredito que, no caso do Brasil, principalmente nas eleições de 2018, pelo clima de tensão eleitoral, poderíamos dizer que houve uma intensificação de tal comportamento. A incapacidade de conversar, de pensar, de conviver com o *totalmente outro* (ou nem tanto às vezes) chegou à flor da pele, em múltiplas ocasiões, permeada por falas extremamente agressivas. Consequentemente, como era de se esperar, o clima eleitoral adoecido que movimentou as redes digitais apareceu em dois trabalhos realizados, ambos inacabados. Um desenho feito por um menino e uma junção de imagens de uma menina.

Imagem 44: Lápis grafite sobre papel, 59 x 42 cm, 2018.



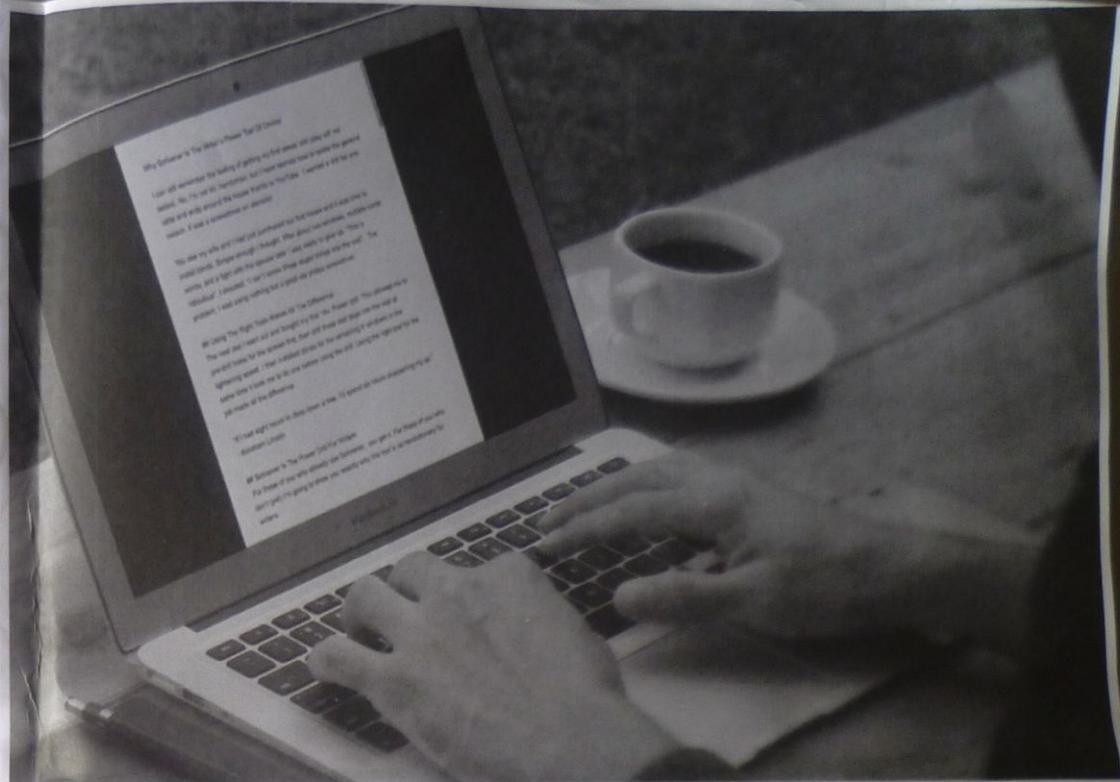


Imagem 45: Imagens impressas, 59 x 42 cm, 2018.

Quando este comportamento chega a níveis extremados, temos a materialização, fora do âmbito virtual, dos mais variados atos de agressividade, verbais, físicos, ao ponto de ser possível, como aconteceu em nosso País, alguém tirar a vida de outra pessoa. Como a morte do Mestre Moa do Katendê, na Bahia em outubro de 2018¹², após uma discussão sobre política.

Mas o que podemos fazer como educadores e educadoras, nesse contexto adoecido? O que as escolas podem propor dentro de seus respectivos contextos? Talvez o ainda difícil exercício de conviver com o outro? Porque, como escreveu Carlos Skliar, “talvez a diferença seja o que melhor narre aquilo que é humano.” (2014, p. 157). Penso que para isso é necessário tempo.

E, apesar de tantas crises internas e externas, acredito que a escola possa propor esse exercício incômodo, ao aproximar de estudantes um pouco da diversidade que nos constitui, enquanto sociedade, as diferentes situações, problemas, maneiras de viver. Lembro a dificuldade constante de operar com esses princípios éticos na escola. São vários os casos de estudantes que

¹² <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policia-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml>

verbalizaram para mim alguma resistência em trabalhar a diferença – questões de gênero ou étnico-raciais.¹³

Relaciono tais dificuldades ao que para Skliar (2014, p. 149), alteridade significa: antes de tudo, estranhamento, perturbação, alteração. Trata-se de um desconhecimento que sempre abrigará zonas impossíveis de penetrar e conhecer. E seu risco está em trazer algo que pode perturbar a ordem das coisas, de uma determinada concepção, a irrupção de uma surpresa que pode abalar verdades. Faço aqui uma analogia com o que escreveu Barthes (1981, p. 78), sobre a relação com o que podemos nomear e com o que não podemos. O que posso nomear não pode ferir-me, mas quando somos incapazes de nomear algo ou alguém, isso causa uma imensa perturbação.

A proximidade digital colaboraria para a manutenção dos iguais, os entendimentos fáceis, aquilo que é agradável ao “si-mesmo”. O desconhecido, o outro e sua negatividade podem ser vistos aí como um atraso, uma relação que não faria sentido, num

¹³ Por exemplo, meninos que falaram que não queriam abordar assuntos referentes às situações das mulheres; outros/as que não queriam ou não entendiam o motivo para se pensar sobre a presença indígena em nosso país, não viam sentido; ou para se trabalhar com questões envolvendo cultura de matriz africana.

contexto de rápidas trocas informacionais, uma “perda de tempo”, sem garantias de que a pessoa será de alguma forma agradada ou recompensada.

Em níveis mais extremados, para “defender-se”, afastamos tudo o que é estranho, mesmo que não haja aí intenções hostis ou algum perigo: o estranho parece que deve ser afastado ou eliminado, justamente por sua condição de alteridade (HAN, 2017b, p. 8-9). Nas palavras do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018, p.27), em seu livro *Crítica da razão negra*, trata-se de um *alterocídio* (em sua reflexão sobre a violência racista, mas que expando aqui para dialogar) – fruto dessa incapacidade de enxergar o outro como um *semelhante a si mesmo* e não uma ameaça.

O diferente gera insegurança quanto às certezas que alguém gostaria de ter, ao encontrar o outro, talvez porque tal encontro possibilitaria uma transformação do si-mesmo – o que nem sempre é desejado (HAN, 2017b, p. 84). Ele ainda chama a atenção para os problemas que isso pode gerar em uma sociedade que valoriza o igual e a diferença consumível, já que assim perdemos “cada vez mais o decoro, a respeitabilidade, à *distância*,

isto é, a capacidade de experimentar o outro em sua alteridade” (HAN, 2017c, p. 28).

A transparência, abarcando vários aspectos da vida, tiraria a profundidade das coisas, tornando-as “rasas e planas”. Com isso, haveria um enfraquecimento das singularidades, e as diferenças emergiriam como algo “intolerável” (HAN, 2017b p. 10-11).

MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESCOLA, TEMPO E ALTERIDADE

Ao encaminhar-me para a finalização deste exercício de pesquisa e escrita, proponho-me a pensar um pouco mais sobre a atividade docente, hoje, com jovens. Levando em consideração que nosso contexto social e cultural tem supervalorizado a alta produtividade e, acima de tudo, a velocidade nas relações interpessoais e no cotidiano de trabalho – o que colabora pouquíssimo no sentido de um olhar mais aberto e generoso com as alteridades, questiono: afinal, como estamos ocupando o espaço e o tempo da escola? Como proporcionar a estudantes outras experiências, dignas desse nome, que interfiram de algum modo nessa lógica, em que predomina a “mesmidade”, a quase ausência do outro?

Em outras palavras: como criar uma brecha para suspender esse modo de vida em busca de um tempo outro, de uma percepção outra sobre si e sobre as demais pessoas? Resumidamente, foi essa a pergunta mais ampla que alimentou o estudo aqui apresentado – e, claro, as aulas a que me dediquei e a que continuo me dedicando como professor. A prática do desenho,

parte silenciosa mas (acredito) potente da metodologia, nesse sentido, aparece na dissertação justamente como contraponto (e também como complemento), para marcar um outro tipo de relação com o tempo da vida, das trocas, do próprio trabalho docente. E como comentei no início deste trabalho, é dessa escolha por um desenho lento de que falo aqui, um exercício de atenção e rememoração.

Penso que, se não paramos para pensar essas questões todas, continuaremos (nós e nossos estudantes) a interagir com redes que chamamos de “sociais” de um modo que acaba muitas vezes por dificultar fortemente nossas relações com o outro – esse outro tão diferente de nós. Vimos na pesquisa o quanto as redes atuais de comunicação podem participar de uma espécie de manutenção do narcisismo e do hedonismo, tão presentes em nossa cultura. Costa (2004, p. 185-186) nos diz que o narcisismo coloca a própria pessoa como ponto de início e chegada, já que a preocupação é quase sempre apenas consigo e com a autorrealização; quanto à faceta hedonista, experimentamos uma imensa dificuldade em aceitar o que não nos é, de imediato, prazeroso.

Sendo a escola profundamente afetada por esses traços culturais, potencializados pela nossa maneira de habitar as redes sociais, pode ficar bem mais difícil promover um diálogo com os jovens, habituados ao consumo do “mesmo”, daquilo que não difere deles.

Busquei, neste exercício pedagógico, estético e político, colocar palavras, imagens e reflexões em um cenário aparentemente ocupado muitas vezes por bolhas que, mesmo em intensa comunicação entre si, parecem não aceitar com facilidade as vozes que lhe são dissonantes. Uma complexidade de vivências em que, aparentemente, há um gosto e um desejo pela conversa – desde que o outro não discorde de nosso ponto de vista.

Meu objetivo – na pesquisa e na prática cotidiana na escola – foi o de provocar a suspensão de percepções manifestadas pelos jovens, em relação às maneiras como usamos as redes digitais, por meio de diferentes trabalhos de criação, durante estes dois últimos anos. Uma prática pedagógica, acredito, deve ser capaz de gerar algum tipo de mal-estar, fruto do incômodo de dedicar-se a pensar.

A meu ver, práticas pedagógicas com arte, ocupadas em apenas cultivar o prazer e o divertimento – e, principalmente, práticas temerosas de contestar a “vontade” do estudante acima de tudo – não auxiliam no trabalho árduo, mas imprescindível, de promover o exercício da cidadania, de viver radicalmente com (e na) diferença. Entendo que o trabalho de buscar entender e agir diante do que é diferente de nós significa, em termos sociais e psicológicos, viver a inevitável frustração de não sermos bajulados constantemente, nem de ter nossas s aceitas sem contestação – como se fôssemos meros “clientes” do mercado, consumidores que não podem deixar de ser agradados a todo o tempo.

Han, em *A expulsão do outro*, escreve sobre a necessidade de redescobrirmos o *tempo do outro*, ao invés de permanecermos, teimosamente, no *tempo do eu* – em que muitos de nós vivemos (HAN, 2018). Segundo o autor, as lógicas dominantes veriam este tempo do outro como improdutivo, porque não voltado para suas necessidades, vaidades e muito menos para a “necessária” aceleração da vida. O tempo do eu fragmenta, nos colocando em disputa constante e nos tornando insensíveis para “questões

extrapessoais”, exatamente as que têm relação com o *comum* – ou seja, com o saudável e urgente tempo do outro.

Minha pergunta continuou sendo: como promover o deslocamento da atenção de jovens, em boa parte voltados para si e seus prazeres, incentivados a serem individualistas e consumistas, para algo diferente deles mesmos? Ou seja, como redirecioná-los para pessoas, situações e coisas sobre as quais, aparentemente, eles acreditam não fazer sentido pensar?

O diálogo e a escuta parece-me que são a porta de entrada para esse outro olhar: propor um exercício constante no qual eu me permita abdicar um pouco “de mim” (dentro do possível), e libere um pouco de espaço para o outro. Parece simples, mas é hoje um trabalho de imensa exigência para todos nós: desviar a atenção “de mim”, nem que seja por um momento, e colocá-la no *outro* (HAN, 2018). Durante o período da pesquisa (e, claro, para além deste tempo específico), meu empenho principal tem sido justamente o de refletir junto a jovens sobre suas vivências com as redes sociais, considerando todo o ambiente social, econômico e cultural em jogo, observando e produzindo pensamentos sobre essas características da vida que vivemos hoje.

Certamente, a escola (apesar dos graves problemas que enfrenta, especialmente hoje) é um espaço em que os atritos entre os diferentes acontece. Mas a pergunta que se coloca é: como torná-los mais profundos e potentes para os participantes envolvidos?

As múltiplas narrativas que atacam a escola (especialmente a da rede pública) acabam muitas vezes por se associarem a discursos do sucesso individual, da vida privada voltada apenas para o “eu” – deixando claras as imensas dificuldades com tudo o que se relaciona com as alteridades, diante das quais manifestam pouco ou quase nenhum respeito e compreensão. Um exemplo bem claro é o da defesa do ensino a distância (também da educação domiciliar) – propostas que acabam por voltar-se para o indivíduo isolado, longe do confronto com o outro: ali, cada pessoa vê o que quer (ou o que é “permitido”), na hora que quer e quando quer.

Tais propostas se apresentam como alternativa atual, nova ao que se qualifica como “ensino desatualizado”, que não estaria dando conta da complexidade contemporânea, além de não ser divertido nem dinâmico. A meu ver, tais propostas se associam às

práticas de muitas das redes digitais, promovendo o reforço mútuo de verdadeiras “bolhas”: práticas pedagógicas individualizantes alimentando certos modos de existência experimentados nas redes digitais, e vice-versa.

Diante disso, talvez estejamos em um momento no qual a escola e, conseqüentemente, o ensino de artes desenvolvido nela, pode e deve exercitar uma sensibilidade frente a esses movimentos – movimentos que estimulam a insegurança, o medo, barreiras e distâncias frente ao que se apresenta como diferente (por mínima que seja a diferença) e à conseqüente fragmentação dos espaços e tempos.

Um dos desafios da escola é propor-se a ser um espaço para isso, como um ponto nevrálgico, de conseguir a atenção de jovens, sem entrar na lógica do consumo e do entretenimento, valorizando o tempo, a demora, o estar junto, o processo, mesmo quando não totalmente prazeroso. A intenção foi lembrar que a instantaneidade do clique da *internet* não funciona fora dela: elaborar um desenho, por exemplo, requer tempo, concentração, tentativas, pausas. O cotidiano de um professor de artes, como tenho vivido, é muitas vezes o de incentivar estudantes a ir

adiante, a não se frustrar, a não desistir (até com coisas simples, como tentar fazer um desenho), se não conseguem de imediato reproduzir um traço, elaborar um pequeno esboço. Errar não é declarar a própria incapacidade. Pelo contrário.

Os problemas de que falo aqui estão atrelados fortemente a modos de existência de nossa sociedade, a qual valoriza em demasia a velocidade instantânea, o sucesso e o prazer a qualquer preço, a repetição e a mesmice de tantos padrões de vida. Penso que as práticas pedagógicas podem e devem interferir nessas formas de vida, no sentido de colaborar para a constituição de subjetividades mais fortalecidas (ou menos frágeis), abertas à alteridade.

Pode-se pensar que o que propus com esta dissertação ou o que obtive com ela, foi a percepção de sintomas ou indícios sociais cotidianos decorrentes dos usos das redes digitais. E que conseqüentemente afetam nossas relações com o tempo e as diferenças, bem como as estruturas escolares.

REFERÊNCIAS

AINA, Azevedo. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Antropologia e Arte**. V. 5, nº 2, p. 15-32. 2016.

BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. *Cartografar é acompanhar processos*. p. 52-75. In: ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207p.

BARROS, Regina B. de; PASSOS, Eduardo. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. p. 17-31. In: ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1981. 177 p.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Disponível em: < <http://lelivros.love/book/baixar-livro-44-cartas-do-mundo-liquido-moderno-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi/> > Acesso em: 30 de maio de 2019.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras escolhidas, v.1).

BERGER, John. Drawn to that moment. **Berger on drawing**. Occasional Press, 2ª Edição, Irlanda, 2007. Primeira publicação New Society Magazine, 1976. [Tradução livre Flávio Gonçalves], 2010.

CALDAS, Luciana Tubello. **“Clube das 5”**: transformação e criação de si em praticas cinematográficas no espaço escolar. 2016. 85 f. Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CARLSON, Marvin A. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 284p. (Coleção Humanitas).

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 244p. (Coleção Alei do desejo).

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós: Belo Horizonte**. V. 2, nº 4, p.204-219. Nov. 2012. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova.

GOMES, Inês Belo. “Deixei o desenho enterrado” ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático. **Cadernos de Antropologia e Arte**. V. 5, nº 2, p. 75-90.2016.

HAN, Byung-Chul. **No enxame. Reflexões sobre o digital**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016a. 92p.

_____. **A salvação do belo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016b. 99p

_____. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017a.128p.

_____. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes,2017b.116p.

_____. **Agonia do eros**. Petrópolis: Vozes, 2017c. 93p.

_____. **A expulsão do outro**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018. 104p

HASSEN, Maria de N. Agra. **Etnografia: noções que ajudam o diálogo entre antropologia e educação**. Disponível em:

<

http://www.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/metodologia_nazareth.pdf

> Acesso em: 30 de maio de 2019.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 119p. – (Coleção filosofia).

ICLE, Gilberto. *Apresentação – Para apresentar a performance à educação*. In: **Educação & Realidade** - Porto Alegre, v. 35, n. 2, p.11-22, maio/ago, 2010.

KASTRUP, Virgínia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. p. 32-51. In: ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Antropologia e Arte**. V. 5, nº 2, p. 5-13. 2016.

LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu e educação*. p.35-86. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994,

MacDOUGALL. *Introduction*. p. 1-9. In: ____ **The corporeal image – film, ethnography and the senses**. Princeton: Princeton University Press, 2006. 312 p.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018. 320 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 315p.

_____. **Ecce homo – como se chega a ser o que se é**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

_____. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre: L&PM, 2012. 144p. (Coleção L&PM POCKET).

OSBORNE, Catherine. **Filosofia pré-socrática**. Porto Alegre: L&PM, 2013. 176p. (Coleção L&PM POCKET).

QUINET, Antonio. **Um olhar a mais – ver e ser visto na psicanálise**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 312 p.

RATTO, Cleber Gibbon. Compulsão à comunicação: modos de fazer falar de si. **Educação & Realidade**. V. 31, nº 2, p. 27-42. Jul/Dez de 2006.

_____. **Compulsão à comunicação: ensaios de ética, educação e silêncio.** 2008. 185 f. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SALAVISA, Eduardo. **Diários de viagem – desenhos do cotidiano.** Quimera editores, 2008. 288 p.

SIBILIA, Paula. **O show do eu – como espetáculo.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. 360 p.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar.** 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014. 240p. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002. 268 p.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar.** Disponível em : <
http://www.marciatiburi.com.br/textos/quadro_aprender.htm >.

Acesso em: 30 de maio de 2019.

TURKLE, Sherry. Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual. Entrevista concedida a Federico Casalegno. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 11, p.117-123, dezembro de 1999.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008. 137 f. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.